

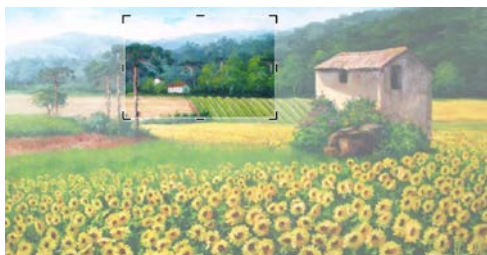
A landscape painting featuring a dense forest of tall, thin trees in the middle ground, with a field of green crops in the foreground. The background shows misty, rolling hills under a pale sky. The overall style is soft and atmospheric.

A solidão e o santo

Agostinho Both

Agostinho Both

A solidão e o santo



Campo florido – Silvana Oliveira



Passo Fundo
2012

Agostinho Both

A solidão e o santo

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa de : Silvana Oliveira

Revisado pelo autor: 23/11/2012

B749s Both, Agostinho

A solidão e o santo [recurso eletrônico] / Agostinho

Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-71-4

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Liberdade religiosa. 2. Vida religiosa. 3.
Relações familiares. I. Título.

CDU: 291

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Transtornos do Padre Artêmio	9
De algumas espantosas palavras	14
Resoluções amorosas de Artêmio	25
Uma difícil decisão	27
Diálogos emergentes	42
Um amor incipiente	60
Uma pastora	65
Confissões de Artêmio	69
As lutas de Artêmio	75
O difícil regresso	82
O impossível caminho	88

Transtornos do Padre Artêmio

Pode haver quem pense: os santos devem ficar quietos como melões. Repletos da graça de Deus, podem estremecer de alegria por todo o sempre. Fogem dos ruídos, tendo o silêncio em grande consideração. Perguntados se o silêncio é confortante, dizem que é uma graça e se, ainda no silêncio, puderem ouvir a Deus, ele se torna divino. A contemplação silenciosa pode fazer o tempo ir e vir. Nela todas as coisas visíveis e invisíveis, reais ou imaginadas têm seu esplendor e profusão, revelando-se a essência sem as destoantes palavras. Se a velocidade do corpo perde a mobilidade, pode a mente ser rápida como um beija-flor. Tem a oportunidade de recolher os significados revelados e os não revelados. Padre Artêmio, ao contrário, está perdendo a graça do silêncio e corre angustiado para a casa paroquial, tendo a sensação de estar sendo devorado. O sistema nervoso está prestes a entrar em colapso. Nada melhor que sair do desamparo das inúmeras e ruidosas palavras e se atirar para dentro de uma toca ou nas mãos grandes de Deus. Poderá se confortar para muito além das nuvens e para muito além das pessoas. Todas as coisas animadas e inanimadas não mais se apresentam humildes à sua atenção. Nada mais é suficiente porque nem mesmo no silêncio consegue retirar mais um sentido em tudo que faz. Quis, então, saber quais motivações poderiam impulsioná-lo para além. Deus surgiu-lhe como solução, mas a salvação que tanto pedira andava minguada e a paz se dissolvia como pó. A comunhão solene com Deus estava de poucos liames, porquanto a boca estava azeda e morria o seu ânimo, como um peixe se debatendo na grama. O vigário comia o pão que o diabo amassou e agora os ruídos aumentavam em torno de si. O inferno constituía-se até de seus melhores fiéis, tão mal andava o santo homem. Privara-se de todas as carícias e Nossa Senhora sabia de quantas promessas compunham-se as horas para que se preservasse a pureza do corpo e da alma. Aí, puro como um São Luiz. Na verdade, o cansaço deixara-o sem as antigas vontades de salvar, de consolar os velhos, as viúvas e os

jovens. O seu silêncio, por mais profundo e divino que fosse, compunha-se de solidão.

Padre Artêmio sabia da angústia com que a vida se traduz. Sobrevinha-lhe um estado que se caracterizava como perigo, desconhecendo o motivo e a origem. Percebia-se submergido e transtornado, preso a um lado que não esperava. Tinha tudo em Deus e, agora, como uma nave à deriva. Habitara com as estrelas, sentindo, por vezes, um sopro de Deus. Disso poderia até jurar. Não contava, então, com o sistemático deserto. Perdera a bússola, quando antes sabia de todas as direções a serem tomadas. As decisões aristotélicas tidas como inspiração do divino faziam sucesso e muito bem. Tinha certezas absolutas: uma lógica que ia do primeiro motor de tudo até a suavidade sobre o bem a ser feito. Congratulava-se com sua mãe por saber que ela ouvia fartos elogios a seu respeito. As falas da mãe e a sua satisfação, uma vez, alimentavam a autoestima do vigário, que já ia pelos sessenta. Nada mais o movia a não ser as coisas que entendia serem da vontade de Deus. Estava inteiro e não havia conhecido mulher alguma. Vinha-lhe até uma divertida observação: que coisa é essa de desejar, justo em meus sessenta, estar com uma mulher se meu corpo já não deveria solicitar tanto assim.

Sonhos antigos começaram a povoar seu sono. E que realidade estranha essa de num deles ver sua mãe deitada, serena, com cara de santa, ser transportada por ele, sendo ele um pássaro que a carregava no bico sobre as matas da infância. Quase morreu de susto quando um amigo psicólogo, baseado numa explicação freudiana, mostrou-lhe o significado libidinoso. Que explicação mais doida pensou, mas em razão de outro sonho teve de, rindo, pedir desculpas a São José. Que barbaridade é essa! Acho que estou de surto libidinoso, ou retorna em mim a adolescência reprimida?

Faço trinta anos de serviços prestados a Deus e aos mais humildes fiéis. Não tenho do que reclamar, mas é como se estivesse muito

só. Não reneguei nenhuma oração, nenhuma bênção e nenhum sacrifício em favor de meus paroquianos em tantos lugares e me vem esse desejo voluntarioso. Mesmo quando a exaustão me sobrevinha, encontrava um sorriso, nem que fosse no canto de minha boca. A suavidade era minha companhia. Me rebentava todo de tanto procurar alívio diante de dores persistentes ou avulsas nos corpos e nas almas sob minha responsabilidade. Devolvi esperança aos desesperados e até animei homens aposentados, coisa de espantar. Sempre busquei alterar o rumo da miséria humana. Não me conformava sabendo de alguém estar à mercê da desgraça. E a pior delas se fazia com aqueles que viam seus desacertos maiores do que eram. Estive ao lado de quem falecia e ao lado de quem se levantava. Não me perturbavam as projeções afetivas das mulheres que tinham em mim um ser melhor que os pais e os maridos. Me sentia tão bem quando as lágrimas cessavam. Acho que, no decorrer dessa corrida salvífica, se esgotaram o bem e a graça que me alimentavam tão vivamente. Se os animais e os homens dão alimentos aos seus corpos e se fortalecem contentes com refeições, á semelhança deles vivia eu na fortaleza de divinos pensamentos. Afianço a quem quiser que podia ver a Deus no ar se me esforçasse um pouco, tamanha a realidade espiritual. Não havia dúvida alguma em mim e tinha o poder de repassar sempre a força necessária. Diz meu psiquiatra que eram patranhas imaginárias. O que careço, dizia, é de um olhar verdadeiro e humano. Se ele tem razão em seu pensamento freudiano, tenho minhas certezas: os efeitos de meu ardor estavam longe de serem falsos.

A minha inserção na vida social fez com que erguesse duas casas de idosos, cinco hospitais, duas escolas técnicas, mais de vinte pequenas igrejas, um sem-número de ambulatórios, grupos de idosos. Tive brigas valentes e boas, guardei a fé, fiz acontecer cursos permanentes de diversos aprendizados. Produzi em algumas cidades a cultura da arte e diversos ofícios. Não andei perdido em tarefas de pouca monta. O principal me levava ao conforto. Dos milhares de perdões, dos acertos em

enrascadas brutas em que se metiam meus paroquianos, dou meu testemunho. Fiz tanto bem e disso não renuncio.

Agora estou eu nessa violência pessoal. Se alguém me disser o que exatamente me falta, me diga antes que eu morra nessa lassidão de propósitos e de ânimo. Estou uma casa vazia. Antes era aquele que enchia as casas de bem-estar. Vou falar ainda de meus sermões. Brincava até de ser São Francisco ou o padre Vieira. Preguei aos pássaros e a quem apodrecia de desespero.

De um modo especial percorri caminhos, aliviando o desamparo de muitos cuidadores.

Dia desses veio até mim uma mulher. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pobres pecadores! Havia nela um volume de apelos e tantos sonhos em suas poucas palavras que pensei: é chegada a hora de minha salvação. Agora Senhor, posso morrer em paz. Mas, afinal, o que se sucedeu em mim de ter me encantado pela primeira vez e de tal modo? Não sabia se era vergonha, desespero ou envolvimento que me habitavam. Isabel era seu nome, e de súbito veio tão instigante que se rompeu o dique protetor dos íntimos desejos. Havia exuberâncias escondidas e a solidão se perdia imediatamente. Me senti cheio de brisas e rubores contentes, instigantes eram os bons espíritos em mim. Não havia mais o peso da morte. Uma certeza, embora bem menos absoluta, mas, por certo, instigante e quase infinita.

Estudos mostram que a interação humana só se dá por completo quando tudo se dispõe de acordo com a natureza: na relação de um homem e uma mulher. De fato, estive acima das possibilidades concedidas pela natureza. Forcei meu ser na solidariedade e na santidade. Não me pejo de dizer que dei de mim para me sobressair. O instinto instigante das relações afetivas foi compensado em apelos criados em mim pela imagem e semelhança de Deus, embora não sabendo ao certo nem de sua imagem, menos ainda de eu ser semelhante a tudo que nele se insere. Sei apenas que fui fiel a um chamado que me concedia um sentido dentro

dos parâmetros da santa madre Igreja e dos santos evangelhos. Agora, eu já ficando velho, e passando pelo cabo da boa esperança, me vejo sem o menor controle. E meu amigo psicólogo me disse que depois dessa idade não é tentação, mas a mais pura graça do Senhor.

De algumas espantosas palavras

Eu não tenho vergonha de mostrar meu parco poder. Prefiro a honestidade, mostrando a pouca virtude, mas é minha. E enquanto viver digo e repito com Augusto F. Schmidt: o mundo acaba quando eu acabar. Enquanto não se terminar, me encolho no regaço de minha santa madre Igreja que me ensinou tanto, desde o perdão até a comunhão dos santos, e também, como o poeta gordo, agradecê-la, apesar de sua estreita visão de mundo, a compreensão que me deu das coisas humildes e eternas. Não passarei em vão. Começo por juntar meus alfarrábios e deles extrair alguns sermões curtos.

Enquanto falava nas tais homilias, podia contentar pouca gente, mas me faziam um bem extraordinário. Numa tarde de gramas estendidas ao longe, vendo-as pela janela aberta de uma igrejinha no campo, preguei para as árvores. Enquanto falava, as flores esconderam a beleza e os pássaros silenciaram até que esgotasse a última palavra. Antes delas me recolhia na intimidade verde das árvores, minhas melhores companheiras. Bem pouco mais que isso é que tenho: nelas o verbo divino tem a comunhão. O domingo sem graça... futebol ruim de meu time... missa da manhã, um sem sabor... só algumas velhas... um almoço solitário... uma pequena alegria: o telefonema de agradecimento por uma bênção e mais uma missa com fiéis retardatários. Quase sozinho, eu e meu Deus. Pensei em seu poder também solitário a entender-se com o menino e a pomba celeste. A expectativa pela frente: aulas de teologia e história... uma visão diáfana de um padre aleijado, mas tão cheio de fantasias que poderia pôr a Deus em dúvida com todas suas criações. Não sei se pelo tombo da moto ou já se precipitam em mim certas loucuras que me ponho a pensar que seria capaz, se fosse Criador, não criatura, de fazer coisa melhor que esse tão complicado ser humano. De repente diante da comunidade distraída, e eu sei lá de onde me veio a inspiração, melhor falar às árvores que à distraída população de cinco ou seis... meus ardorosos fiéis. Ainda

uma distração: um anjo sentado no altar brincava com São José sobre a gravidez de sua excelentíssima e amável senhora. E viu Deus que tudo era bom. Ele pensou com encantos especiais e criou as árvores. Que fossem humildes em seus serviços das sombras e generosas com a produção das sementes. E quando cansadas, pudessem morrer solenes e caídas pelos ventos para se deitar, concedendo à terra suas últimas energias. Apareceram a Deus anjos solícitos e brandos, escolhendo lugares para que cada semente obtivesse seu lugar e crescesse, cada qual de acordo com sua natureza. De pequenos que fossem os frutos produzissem os grandes carvalhos, os jequitibás, as perobas, as castanheiras e as sequoias. Outras mais, aos milhares, as menores e retorcidas pra que agentassem os solos tórridos, tendo paciência e gentileza em lugares tão pobres. Nenhuma delas se viu maior ou menor. Estavam todas agradecidas em seu amável silêncio. Curvam-se diante dos ventos e espalham os frutos sem queixas. Põem suas flores para que o sol as ilumine. Todas, a seu tempo, dão tudo de si para que as matas estejam bem. Falo mais das pequenas que dão seus frutos. Não se erguem sobranceiras para que o pequeno macaco e o homem possam colher, em seus ramos, os frutos na primavera. Nenhuma delas, as de melhores sementes, põe espinhos para inibir quem quer que seja. O que acontece com o homem que não as imita? Acaso somos melhores que aquelas que se erguem aos céus? Acaso uma delas fica xingando o Criador por ser preterida? Alguém já viu uma delas negar-se ao machado do lenhador? Não! São disponíveis em tudo. Somente diante dos abusos pra com as matas é que os céus se revoltam, mandando tempestades e chuvas pesadas. Não porque delas provenha qualquer reclamação, mas porque os céus vêm dizer da injustiça por causa da destruição.

Olhai os pássaros dos céus que fazem seus ninhos no tronco aberto ou em seus galhos. Olhai para os tucanos vindo pra cidade, porque as árvores caem uma atrás das outras. Não mais encontram os ramos altos e vêm eles, com voz grave, reclamar em nossos ouvidos, sem saber mais o que fazer. Os ovos caem pelo chão e as cores não se multiplicam

com a mesma volúpia. Existe uma remota esperança de que se crie vergonha e as árvores sejam tomadas como irmãos. O espírito de Deus tem por costume revelar anjos sobre os galhos, e até sobre as folhas caídas eles se debruçam. Quem tem coração para ver que os veja. Cansei de vê-los alegres e tristes, conforme o tamanho do meu coração ao se estender meu olhar sobre elas.

Existem aquelas que me comovem muito. Vejo as oliveiras que assistiram e assistem à violência em Jerusalém. Como poderá se tornar alegre quem vive com tanto sangue em suas raízes? Não posso me esquecer de nossas belas árvores: a canjerana, o cedro, a grápia, a canela, o cinamomo e tantas outras silvestres e caseiras. Deus, por certo, tem nelas sua melhor e menos arrependida caridade. Tenhamos delas um pouco de virtude. Hoje não vou falar de Jesus Cristo. Falo das palavras que os apóstolos esqueceram. É isso que tenho a dizer sobre as árvores. Paro por aqui porque longas palavras cansam.

Nem ao menos sei por que me chegam à lembrança os papas proibindo os padres de amar uma mulher. Que houvesse a liberdade de amar ou deixar de amar. Sei que não é pra qualquer um sustentar o amor de cada dia e uma família inteira reclamando seus direitos. Então, fica essa situação de alguns colegas terem às escondidas uma relação fortuita e medrosa. Será a serenidade das árvores que permite pensar mais livremente? E por que não dar de si a uma missão por um tempo determinado? Afinal ninguém é o mesmo para sempre.

Folheando, mais uma vez, meus alfarrábios encontrei outro pedaço de sermão *sobre os ventos*. Uma tempestade passara, deixando um rastro de sustos e destruição. A casa paroquial perdeu parte das telhas e nunca me senti tão desprotegido. Ainda bem que alguns ciprestes conseguiram segurar a ventania. Era um sábado e o vento não tem disso, de descansar aos sábados de tarde. Uma brisa, agora, fazia do clima um convite pra rezar. Elevei minha vida nas intenções do Senhor. Estava como antigamente, suavizado no corpo, uma saudade de minha fé sem

fronteiras e sem qualquer impedimento de me conduzir. A cruz me conduzia para a ressurreição, mui distante desse desejo incauto que se avoluma ultimamente. Entrei na igreja silente ainda. Ergui, faz dois anos, este templo, parte por parte. Entreguei-o nas mãos de trabalhadores competentes e saiu a exemplo de meus recursos religiosos e financeiros. Um ambiente bondoso e inspirador de perdão e saudades, não se sabe se de Deus ou de tudo que fui. Os vitrais deixavam a luz múltipla e quieta. Meu pequeno morgado de paz. Vieram alguns paroquianos, fiéis aos costumes. Alguns jovens buscavam ver a Deus. Vinham conferir a importância do silêncio. O evangelho falava sobre o sopro de Deus e ergui a voz sobre eles sem grito:

Poucos avaliam a importância do ar e do vento. Nossa voz se conduz em ondas e pensamos que é a mão suave de Deus que a conduz. Nas tempestades como na suavidade, pairam a austeridade e o manifesto bem do Senhor. O vento que destrói nossos telhados e quebra as árvores parece traduzir a terra ofendida, e aí se avalia o quanto podemos ferir com o descontrole. Deixemos, por instantes, aquilo que o vento pode fazer ao mar, devorando naves e navegadores. Fiquemos com a ponderação do ar que anda como nesse sábado, trazendo suavidade sobre a agonia que foi enquanto tudo parecia ruir. Pensemos exatamente no Senhor. Cada movimento das folhas e a sustentação do voo do pássaro se dão por causa do saber divino. Agradeço ao ar que conduz minhas palavras. Desejo que elas tenham guarida na alma de quem me ouve. E aí me permitam habitar, emprestando a certeza da bondade divina. Que cada um possa soprar inspirações que o ar agradecido conduz. Lembro-me, então, do que ocorreu enquanto minha voz se alterava:

Tentava avançar com minha curta homilia, quando a mulher dos meus sonhos entra na igreja e tudo se acorda conforme as cores do templo. Não mais há inspiração que possa competir com a visão. Silêncio por um momento. Que Deus me livre de me confundir. Minha peroração não pode ser perturbada pela doce imagem. Meu espírito dá uma volta e continuo. Nossa Senhora subiu as montanhas respirando com

dificuldades. Estava grávida de Deus, mas o pouco ar da montanha não era impedimento. Meu ar também é pouco. Assim, quando o ar nos falta, é melhor estudar cada passo e ver o que melhor podemos fazer. Confiemos, confiemos muito, que nossa estrada nos conceda uma brisa e a certeza de que estejamos no melhor caminho. O vento pode trazer na voz de um amigo ou o verbo divino poderá dizer em nós o que de melhor se possa fazer. Nossa vida merece o bom pensamento que é a brisa de nossa alma quando bem conversado. Não deixemos que o tormento das tempestades faça de nós pessoas angustiadas. Amemos como Nossa Senhora ao encontro de Isabel. Aí não teve mais jeito. Lembrei: Isabel era seu nome. Urgia parar meu discurso. Confirmei em público. Em momento algum nos falte o vento do espírito de Deus. Que desça sobre nós, fazendo falar pelo menos uma língua: a da ternura em nosso cotidiano. Me atrapalhei de vez. Encurtei o caminho da missa, tentando acalmar os ventos em mim. Concluída a cerimônia, vieram os garotos agradecendo pelo discurso, me chamando de velho inspirado. Eu, nos meus 59 já passados, pensei: o que vão dizer quando terei 95? Ao saírem, enquanto retirava os panos sagrados da celebração, ouvi passos. Senti que o extraordinário se aproximava.

— Boa tarde, padre Artêmio!

— Boa tarde, Isabel! O que é que manda?

— Vim agradecer as tuas palavras.

— Pouco ouviu.

— Desculpe, me atrasei, mas ouvi do esforço amável de Nossa Senhora pra ver Isabel.

— Gostou mesmo?

— Mais do que se eu estivesse apenas comigo.

— Minha bela, você sabe que eu aprecio que venha ter comigo, mas não posso trair minhas confissões de padre. E uma delas é não ter intimidade com mulher alguma.

— Não seja pretensioso achando que quero sua intimidade.

— O corpo não consegue trair o que se passa em nós, mulher.

— Está bem, padre Artêmio! Vou respeitar seu desejo.

— É bom que o respeite. Vamos, que tenho uma confissão pra atender. Vamos devagar, Isabel, que assim me sufoco. O meu ar é pouco. Não vou dar à luz, mas o amor é vasto e também sufoca!

Isabel passou apenas a mão direita sobre o ombro do padre. Ambos sabiam o que se passava. Ele ainda a olhou ao se retirar. Os passos e os cabelos caídos sobre os ombros dela faziam dele um ser ambivalente. Quase uma vítima... Não posso me levar desse jeito... Depois foi atender um rapaz que desejava se confessar. Ainda no trâmite dos pecados, dormitava um longo pensamento, o que se traduzia por avaliar que somente os pobres têm noção tão nítida do mal, ou melhor, se sentem menores que são, por isso se culpam tanto. Mandou o rapaz em paz, sem dizer... e não tornes a pecar. Sabia que os pecados eram tão simples e naturais que o piá retornaria a praticar. Mandou que pedisse a São Luiz um pouco mais de castidade, mas que não tivesse vergonha de si mesmo.

Os dias se sucediam. Entretanto, o conflito entre a boa vontade que o alimentara e o novo ardor não o deixava em paz. Escreveu para ver melhor se das letras poderia tirar uma decisão. Foi o que fez, e viu que se aliviava o pesar de andar aflito.

Não posso me precipitar. Vou medir pacificamente os meus passos. Jorravam as palavras sobre a tela. Pois... pois, homem quase um veio!, a empreitada não é fácil. De um Deus infinito e amável, um refúgio que não me foi negado, de serviços amplos e solidários, de celebrações comunitárias e de reconhecimentos de muitas vozes, estou para uma mulher que não cansa de dizer que serei somente dela. Se é verdade que

tudo pode quando a alma não é pequena, tenho pra mim que a alma tem o tamanho daquilo com que se ocupa. Não andarei minguando dentro de uma casa onde a divisão das coisas se limita entre paredes e de vozes limitadas? Se dizem que velho só se dá bem em comunicação de largos afetos... farei boa troca? Ou a intensidade pode compensar a extensão?

É certo, já atravessei mais da metade de meu caminho, não poderei errar. Me esperarão o céu, o inferno, o purgatório ou o indiferente limbo? Minha escolha dirá do meu destino. O que me incomoda se resume no fato de não saber a razão de estar tão envolvido com Isabel, se apenas consumi tão pouco tempo em sua presença. Como saberei se ela constituirá o melhor do meu resto de tempo? Apenas sentimentos e algumas rápidas palavras... muito pouco para selar dois destinos. Me consola o fato de sempre ter defendido a ideia de as decisões não poderem ser tão radicais a ponto de as termos para sempre. As circunstâncias e o tempo também são dignos de consideração. A solidão em mim está devastadora. Não me reconheço mais como um sujeito dos outros. O sentimento novo não se transforma também em vocação? Talvez com a nova decisão os outros terão um novo sabor. A necessidade faz o guaraxaim sair do mato. Estou em situação semelhante: o meu mato divino abrigava um santo que, em solidão, quer novos apelos. Não será da vontade divina servir-se de diversas maneiras? E, quiçá, eu não necessite abandonar os velhos aprendizados de meditar e servir. Quem é que sabe do poder de cada coração? Eu não sei, mas desconfio de que ainda tenha disposições não exploradas e, muito menos, esgotadas.

Ainda me reconheço nos batismos com água, sal e óleo. E pelas ofensas ofereci milhões de perdões. Pode haver muita alegria a ser produzida, mas não tão vasta como a de ver uma alma novamente serena. Que alívio perdoar ódios fraternos e familiares e saber que a minha mão em movimento sobre a cabeça em conflito afastou anos de estertores. Ninguém há de tirar o sabor das palavras, embora muitas delas sonhadoras. E aquele discurso que moveu práticas generosas em favor dos mais velhos. Um pouco de glória e de orgulho me restam por reavaliar

as formas de amor nas famílias. Quando os bisavós já estavam sendo enterrados, fiz com que redescobrissem os momentos restantes como as crianças descobrindo os passos. Não me esqueço de um discurso forte em dois momentos em que se reuniam os prefeitos de minha região. Me senti um diminuto Vieira. Quase sibilava:

Não pensem que a velhice, brevemente, não vai surpreender a todos vocês. Chegará o dia em que não mais se segurarão sozinhos. A mão vai tremer e a perna terá dúvidas ao dar o próximo passo. E quando, em pior situação, dependermos de um cuidador, quem aliviará a sua solidão? Mas bem antes de andarmos desorientados, quem de nós não gostaria de ter medicamentos disponíveis para que a doença não nos leve antes do tempo? Acaso não se fecham nossos vasos? E será que teremos disponíveis as próteses que nos deixam melhores? Quem não apreciaria ter oportunidades de exercícios e ruas bem delineadas para que as quedas não levassem nossos fêmures? Quem de nós vai estar bem sem ter oportunidades públicas de lazer e de artes? A pior guerra não é aquela de inimigos visíveis. São aqueles que se aproximam de nós e nos acostumamos sem a menor preocupação. Aos poucos o amor pode ficar indiferente. Reduz-se a comunicação dentro das famílias. Direis que não é o espaço público o responsável pela intimidade de nossas casas. Digo-vos que é crime não evitar a violência que se esconde em casa. Por que nossas escolas municipais não podem estabelecer formas de aprendizados e de interação entre as gerações? Acaso a educação não pode ser permanente? Quem aliviará o tumulto que se gera quando os velhos são oprimidos. Voltemos nossa política pública para aqueles que envelhecem em fragilidade e abandono. Concluí que a atenção era pouca.

Disso e de tantas obras, palavras e decisões conjuntas, tenho meu orgulho. E da fé, o que posso dizer da fé? Muitos dizem que é a maior das ilusões. Fiz ver a Deus e diversos santos, como último refúgio, que é bem melhor que o desespero. Entretanto tenho nos outros a minha melhor religião e, mais que tudo, acredito que a fé é nobre e poética, mas o que salva é a caridade.

Enquanto ainda me envolvia, de corpo e alma, o bispo mandou me chamar para saber o que acontecia comigo. Irei sem grande preocupação, uma vez que dom Anselmo é um extraordinário ser humano.

Padre Artêmio mal entrara, quando o bispo foi direto ao assunto.

— Qual, então, a importância de uma mulher para você, Artêmio?, questionou o senhor bispo.

— Só vou saber praticando o relacionamento, dom Anselmo. A imagem antecipada que faço é que faça de mim um ser humano mais completo, que não fique mais ardente e solitário. O mesmo espero que possa fazer para a mulher que eu vier a amar.

— Soube já de fonte certa que você está querendo terminar com o celibato. É isso que me estranha. Por que só agora depois de trinta anos de padre?

— E eu sei lá de todos os caminhos de Deus? Julgo que é mais um prêmio merecido por minha dedicação para com as coisas espirituais e materiais em favor da dignidade e do amor cristão. Entendo como uma graça especial.

— E não poderá ser um problema? Quem é que garante que uma mulher possa afastar a solidão e nos movimentar para a paz?

— É que me sinto frágil e sinto uma carência funda, acreditando que só uma ternura inteira poderá retirar a dor de estar sem solidez.

— E Deus não basta?

— Até há bem pouco tempo bastava. Acho que meu corpo e minha alma, por sentirem ainda mais o fim, necessitam de um amparo mais concreto. E não entendo a razão de a Igreja pôr tanta dúvida sobre a graça feminina.

— Me parece, Artêmio, que não seja esta a dúvida. Entendo que a mãe Igreja apenas quer uma dedicação mais plena aos seus serviços. Por

outro lado, sabemos que a Igreja ortodoxa afirma ter muitas dificuldades no casamento de seus padres.

— Isso poderia ser evitado contanto que se pusessem determinadas regras aos padres que querem o casamento. Por exemplo, que pra tanto dessem conta de uma profissão para o sustento familiar. Dom Anselmo, veja que pesquisas do padre Eugen Drewermann apontam para um terço do clero vivendo em situação matrimonial oculta. O que, entretanto, mais incomoda minha boa vontade é a resistência em não permitir o múnus de sacerdotal às mulheres.

— Concordo, contudo me submeto às decisões de Roma. Deixemos isso de lado. Essa sua inclinação para o casamento tardio não se vincula à preocupação de ficar só na velhice?

— Mesmo isso não retiraria a legitimidade de meu desejo. Acho que é mais que isso o que me atrai ao casamento: é a busca de estar mais completo na vida.

— E não vais sentir o vazio existencial, uma vez que o seu desvelo sempre foi maior do que cabe dentro de uma casa. Falo isso porque tenho percebido a insatisfação de muitos padres que escolheram essa sua segunda vocação.

— Tenho pensado nisso. A insatisfação deles, dom Anselmo, vem mais em razão de não terem as condições de sustentar uma casa. Os cursos de filosofia e teologia não oferecem condições suficientes para o trabalho. Tenho, também, dedicado bons momentos para ver a questão de meus hábitos pastorais e se, acaso, não me farão falta.

— É a isso que me refiro.

— Pois veja, poucas coisas que realizo como padre não poderei realizar como leigo.

— Não esqueça, Artêmio, que vai estar sempre acompanhado. Tem certeza de que ela vai querer estar do seu lado?

— Espero que ao menos fique na torcida por mim.

— E se também, pela metade do caminho, embora que ainda breve, você se cansar?

— Espero que a mulher seja presença mais viva.

— Diga a sua opinião: por que acha que a vida está te levando para essa nova decisão?

— Tenho a impressão de que seja porque não se fala mais em mártires e santos. Cada vez mais a vida nos imbui das coisas da terra. Assemelhamo-nos, então, a tudo com que nos envolvemos.

— De fato, concordo. Acho que a graça de Deus é mais sutil que os apelos eróticos e os confortos. Temo por teus voos de agora em diante. O cotidiano poderá ser pequeno pro tamanho da alma.

— Poderei, dom Anselmo, fazer como uma mãe: abraçar a vida simples e dela tirar a eternidade.

— Veremos, veremos... Mas ao menos sabe do espírito de tua pretendente?

— Quem é que sabe das mulheres? Sei que é uma evangélica cheia de fé. Entretanto, nem o mais experiente homem sabe de tudo.

— Seja como for, pode ir em paz e com minha bênção.

Resoluções amorosas de Artêmio

Antes de assumir os laços da intimidade, resolveu visitar os lugares por onde andara. Achando-se muito bem servido de seus feitos, foi ver de seus resultados. Trouxe muito pouco de tudo que viu. Mal haviam passado dez ou vinte anos, poucos se lembravam de suas lutas em favor da saúde, da educação, do serviço social, dos perdões, das orações, dos cantos afinados e desafinados ou das bênçãos conferidas. Muitos dos casamentos já haviam se desmanchado no ar e muitas reconciliações haviam retornado ao desencontro. Alegrou-se, porém, pelo bem que se tornara efetivo enquanto durara. Viu que não poderia se servir do passado para obter reconhecimento em torno de sua vida. O que doravante teria, dependia do que sua alma decidisse fazer. Concluía que não poderia retornar ao que era, tampouco querer imitar o seu jeito passado de ser. Uma barbaridade, o mal parece uma fonte inesgotável. Não se consegue suprimir por mais que se queira estancar. Do jeito que é o ser humano parece que sempre haverá gente de mãos vazias, ávidas e duras. Embora que eu saiba da pequenez de minhas ações, que eu não perca a minha pureza e santidade, apesar do volume dos males que me assolam. Me conformo que o Senhor compartilha de tudo e não apenas se apresenta nas virtudes e na estética das coisas e dos homens. E o pior é que, na erótica, o diabo e o anjo são mudos. Não se sabe ao certo quando é insidiosa ou pura. Justo agora que sou levado a ter outra vida, espero que em tudo que me sobrevenha ou me falte não perca a esperança e a alegria. Vou em breve saber da aventura de ser na fusão de duas pessoas, o quanto poderei imprimir nela a minha forma e a dela em mim. Pouco mais quero que complementar ao que é de Isabel. Por melhor que ela seja, não quero estragar o meu jeito, plasmado por vivos e falecidos. Acredito que dos falecidos tenho mais que dos vivos. Dos familiares perdidos e de amigos que se foram tenho quase tudo. Nenhum olhar que estendo sobre as coisas me pertence. Carrego na corrente de minha percepção olhares de minha cultura, história e, particularmente, de minha religiosidade.

Portanto, não será a Isabel que vai retirar o íntimo de minha alma. Por mais que queira ser empático, não vou poder retirar minhas particularidades. Espero que a espécie humana em mim retida não se entristeça pelo abandono de minhas convicções, que não acabe me odiando. Espero que não me torne na dissolução do que fui nem faça dela minha sombra, que ela não se dissolva nas minhas perspectivas. Espero que tenha melhor minhas virtudes em suas virtudes e seja eu um bom espelho pelo qual ela possa também ver e agir. Mas como nada é mágico e feito apenas de desejos, vou ver de perto como se arranjam um homem e uma mulher. Uma certeza, porém, me assiste: com ou sem mulher, não existe a mínima possibilidade de qualquer tipo de felicidade senão pela minha mobilidade. Espero que uma casa e sua intimidade não me encontrem silencioso.

Uma difícil decisão

Assim que padre Artêmio ponderou sobre seu futuro com dom Anselmo, tomou coragem e solicitou a possibilidade de, num lugar reservado, dividir sua decisão com Isabel.

Ela, preocupada, não sabia ao certo o que fazer. Por força de uma amiga foi até ele. Pensou sobre o que aconteceria se até então haviam sido divididas apenas rápidas palavras. Enquanto estivera no plano da fantasia podia se mover e se engraçar como se prelibasse um reino encantado. Temia pelo encontro, uma vez que a realidade da reunião levaria a que se defrontasse com uma nova realidade. Não menos preocupado estava Artêmio. Afinal, o seu mundo estaria dando voltas.

A conversa foi menos animadora que os olhares. Ao final da história tudo voltou como era dantes. Os olhares continuavam, porém a intensidade era freada pela preocupação. Artêmio começou a se sentir como num limbo. Pensava que não poderia assumir a posição com a qual nunca se acostumara: viver sem determinação pessoal. Sempre, em seu ministério, não poupava esforços depois de assumir uma direção. Como num teatro a ser montado, determinava papéis. Fosse num projeto de saúde, fosse de educação ou de serviço social, escolhia as pessoas para o cumprimento do desiderato. Passo a passo, tudo era organizado até que a proposta se apresentasse conforme o projeto inicial. Acalmava-se e não sossegava enquanto não surgisse uma nova necessidade a ser atendida. Ele era dominado pela boa vontade de servir, e tudo colaborava para que sua sensibilidade fosse atendida. Tinha certeza de que em tudo estava presente a transparente graça do Senhor. Não se agitava hormônio algum e se lhe afigurava mais que suficiente o estado de sua missão salvadora. Tinha uma grande alegria pelo cumprimento da obra. Mesmo um sermão bem feito deixava-o contente, porquanto referenciado pela própria inspiração. Sendo assim, não sabia ao certo se sua decisão poderia ter o benefício esperado, uma vez que tinha a boca torta por fumar tanto tempo

do mesmo cachimbo. Artêmio começou a estabelecer um programa de vida que nunca tinha esperado. Aceitou ministrar aulas na faculdade e realizar seu curso de doutorado. Recebeu uma bolsa de estudos. Começou a viver de seus recursos, dispensando qualquer direito à alimentação pelos trabalhos pastorais de sua paróquia. A retidão de sua alma acompanhava-o, entre outras tantas virtudes. Pôs em sua cabeça a ideia de que uma vida de casado exige mais do que a entrega a Deus. Exercitou-se em pequenos presentes que enviava a Isabel. Viu com admiração que grandes diálogos valem menos que pequenos agrados. A sua casa seria bem menor do que todas as casas que construíra e habitara. Não poderia tratar com a mesma lógica o mundo em que até então vivera. O mundo da intimidade a dois observa rumos de outra disciplina, pensava. Se antes com quietude e divisão, entre muitos, buscava resolver certas inconveniências, agora não mais poderia se debruçar sobre opiniões sem considerar a de Isabel, nem ficar quieto em suas ideias. E algumas delas nem pensar em dividir com Isabel. Buenas, foi assim que se dividindo viu seu poder paroquial se bifurcando. Não mais conseguia fazer tão bem o que fazia, nem dizer tão bem o que até então falava. Ninguém precisou lhe apontar a incongruência de sua pastoral. Lembrou-se, e muito bem, de um texto de Borges em que os caminhos se bifurcavam. É isto que diz Borges: *o tempo se bifurca perpetuamente para inumeráveis futuros*. Em cada bifurcação ninguém sabe muito bem dos próximos acontecimentos. Faz poucos dias, andando por aí encontrei uma pessoa que não pretendia encontrar, e o tempo se bifurcou. Outro dia fui buscar um livro e novamente o tempo se bifurcou: gastei horas com ele e seu conteúdo modificou as minhas horas. Descobri que os tempos se bifurcam para trás e antes de mim. Sou um transeunte que se compõe nas bifurcações do passado. Milhões de falantes, antes de mim, me deram a palavra tal qual a pronuncio, naturalmente a constituíram em bifurcações de seus tempos. Agora estou aqui com as *Ficções* de Borges. E novamente o tempo se bifurca, e a seguir, em seu nome, novas estradas são percorridas. Me sinto, então, um emigrante do tempo, que me leva de um lado para outro. Isabel me diz que o tempo a leva tão freneticamente

que já não tem tempo para viver. O tempo já a toma em tantos caminhos que se sente em torvelinho. Penso, em sonhos, tomá-la em meus braços e mandar o tempo ter paciência, enquanto possa descansar, para que o tempo se bifurque menos intensamente em seus futuros. Quero falar ao tempo para que seja infinito, mas eis que mais rapidamente flui, tomando minhas horas e levando minha vida. Então, vou saber em quantas estradas se bifurca ou se não se bifurca mais. E, nesses exatos dias, estou numa delicada decisão: em que caminho vou me bifurcar. Devo abandonar o dom no qual me bifurquei. Era um menino solitário e fui me dividindo em muitas e muitas obras. E cada vez mais carregava minhas bifurcações. E a memória delas me aprazia. Agora elas vão se diluir e tenho a tratar delas com Isabel. Não terei mais bifurcações pessoais. Serei outro. Deixem-me explicar: preciso avançar nessa reflexão com as *Ficções* de Borges e ver se recebo uma iluminação nessa minha indeterminação. É então que se precipitam as vozes de meus companheiros, padres que também navegam e entendem que poderiam escolher o casamento como uma nova bifurcação. E como ficam aqueles que não saem do sacerdócio porque se sentem limitados pelas restrições do conhecimento teológico? Ao menos essa liberdade eu tenho, uma vez que meu mestrado em história e, agora, o doutorado me facultam o magistério universitário. Nisso não se constitui a maior dificuldade. Tenho a impressão de que minha vida tem o tamanho de minhas preocupações. Os projetos sociais e religiosos não eram pouca coisa. Estive sempre adiante dos meus dias. Me bifurcava, entretanto os erros e acertos apenas repercutiam em mim. Assim, não percebi os efeitos de minhas ações em quem quer que fosse. Sempre estavam, acima de tudo, a vontade de Deus, conforme eu a entendia, e as necessidades das comunidades. Agora, vendo o que Isabel me fala, parece que fico sem graça. Fala com insistência sobre a beleza de seu corpo e de seus exames periódicos, e ainda mais sobre roupas e calçados e sobre sua pequena comunidade evangélica. Enquanto me divido entre santos e uma enorme igreja, a querida Isabel olha o mundo com uma intimidade e vontade próprias impressionantes. Vejo que ela tem uma comunhão mais íntima com sua vida. Carrego quase um instinto por regras sociais e religiosas,

enquanto ela parece mais aberta diante da vida. A ternura que anda dentro de mim parece rivalizar com meus entendimentos categóricos. Ela guia sua conduta pelo senso da vida e eu, pelo senso de leis mais austeras. Ela é uma hermeneuta do singular e eu, um exegeta. Ainda não sei se vale minha inclinação para a decisão leiga. Vou me exercitar em ver detalhes, não em compreensões abstratas e universais. Que Deus me tenha como um pequeno poeta, não um sonhador de grandes proporções. Gosto de Borges e vou ver se me amanso e me humanizo com ele. Tomei mais uma vez suas *Ficções* e me deparo com sua narrativa. *O vago e vivo campo, a lua, os restos da tarde, agiram sobre mim, também o declive que eliminava qualquer possibilidade de cansaço. A tarde era íntima e infinita. O caminho descia e se bifurcava, entre várzeas indistintas. Uma música aguda e como que silábica aproximava-se e afastava-se no vaivém do vento, turvada de folhas e de distância.* Ele continua se comunicando com pequenas coisas mais, tais como vaga-lumes, jardins, cursos de água e poentes. No primeiro momento busca reunir de uma só vez todos os astros e todos os tempos. Não haverá, por certo, nenhuma mulher, muito menos um homem, capaz de sustentar tamanha comunicação, pois que não existe estrela quieta, nem um dos seus habitantes. Estou longe disso, que vivo entre uma fé vaga e uma solidariedade dividida. Depois, mais modesto surge um Borges, um pequeno poeta, avaliando com bondade e ternura os esgares dos dias e o choro fino dos ciprestes. Vejo-o gritando por socorro entre os apelos de quem não quer perder nada e tampouco morrer... quer o futuro, quer o passado, enfim todas as existências de uma só vez. Não tenho a mesma tentação, mas se eu aprender a me deixar levar pelo movimento mais delicado de objetos, fatos e pequenos seres, possivelmente me dê melhor do que sobrevoando o mundo, querendo salvar a tudo e a todos. Não posso, entretanto, matar a pauladas os apelos que até agora constituíram as colunas do meu ser. A interrupção, ou seja, a bifurcação é que dói. Fica-se a perguntar e ninguém responde. Mais ou menos assim: e agora, para onde vou? Quem tomará conta de minhas palavras e dos meus sonhos? Fico, mais ou menos, como cego a me perguntar por quem tomará conta de meus passos. Eram tantos com quem

dividia minhas preocupações. Como será meu corpo? O sentido da palavra é que governava o meu corpo. Assim, a corporeidade velha fica como que evaporada, e eu em busca de uma nova. Acho, então, que estarei vazio. Aos poucos poderão surgir objetos substitutos, mas aquelas conversas vão se acabar. E, portanto, já não serei mais o mesmo e ficarei, em última análise, com saudades de mim mesmo. O mesmo ocorre quando acho que vou morrer. Fico à mercê da fé, que até agora não disse em que ou em quem vou me tornar. Ainda bem que julgo que sou eterno, mesmo sem saber o que será de mim. Prefiro, então, os profetas que sabem melhor sobre o futuro. Dizem eles de uma esperança de que haverá alguém com quem eu possa dividir minhas palavras, meus sonhos e meu corpo. É aí que refiro as minhas dificuldades. Vou perder o universo de minhas referências. Vou apagar parte de mim. Deixem-me dizer outras coisas. A rejeição de uma palavra, seja qual for, é muito triste. Também os objetos solicitados, uma vez rejeitados, deixam a sensação de invalidez. Ficarei sem a desejada expressão pela qual teria, possivelmente, uma melhor impressão da vida. Ficarei como aquele que volta para casa sem encontrar a quem esperava encontrar. É pertinente pensar que existem desejos diferentes. Diferente é solicitar um livro ou aprovar um projeto social, uma ação pastoral do que pedir a mão em casamento. Entretanto, não se pode rir da comparação, pois não se sabe o resultado final. Um livro pode produzir magníficos efeitos e é fácil deixá-lo de lado. O mesmo acontece com os projetos de qualquer ordem. Pode-se ter ideia, mais ou menos clara, do que vai acontecer e de como estaremos ao final deles. Ao contrário, o casamento e seus efeitos, geralmente são mais imprevisíveis. Por isso uma solicitação de casamento deve ser muito bem avaliada, pois com quem conjugamos a vida terá outra existência, uma vez que terá outras palavras, outros sonhos, outro corpo. Tenho, portanto, sérias dúvidas por causa de minhas palavras e de meus sonhos. Eles podem me impedir de levar a bom termo meu relacionamento. Não posso prometer o que não sou, mas vou fazer de tudo para que possa ter uma guinada de linguagens, ideias e correspondentes ações, me tornando um ser humano mais virtuoso e, possivelmente, conviver com aquelas com que me

habituei. Contudo, uma promessa de hoje, amanhã, aos poucos, poderá se apagar e eu, então, me envolver com o pensar de Isabel, perdendo os propósitos de hoje.

Vou adiante saudando o que fui e ainda sou. Espero que não sejam despedidas de mim, mas uma oportunidade de esclarecer quem eu devo ser. Por mais que me reserve na intimidade de um lar e me abrigue no coração de uma mulher e dele venham filhos, não vou poder me afastar dos clamores alheios. E se a história tem uma verdade de pouca solidariedade, fazendo crer a alguns filósofos que mais ardem as paixões dos diversos ódios com tantas selvagerias do que a lentidão do humanismo, não vou me abater como uma ave ferida.

Dominar sobre quem quer que seja revela uma pobreza absoluta de comunicação. Já estou em idade de não mais tirar o que não me pertence. Prefiro conceder a pretender mais que posso. Temo ser possível o aviltamento de me achar superior ou quase absoluto na sobriedade de Isabel. O ser dominado fica pulsando entre as mãos do dominador sem poder dizer muita coisa, senão aquilo que é do desejo do dominador. Isso é perigoso demais. Todo silêncio é perigoso. Mesmo um carro não pode ser absolutamente dominado. Ele também fala de sua fragilidade. Se não for respeitado numa curva, poderá ocorrer a própria morte do dominador. Gente há que gostaria de dominar o voo dos pássaros, a beleza das flores, a generosidade de uma abelha, a leveza da brisa e a figura triste de um urutau. Gente há que gostaria ter o domínio da filha do Onassis, o domínio de bola do Ronaldinho Gaúcho, ou da música de Beethoven. Fica entregue a esses sonhos de dominação, ao largo de si mesmo e longe dos outros. Perde a chance de conviver consigo de uma maneira a comunicar o seu poder – aquele que concede a amplitude e a profundidade da humanidade. Espero, de coração, a expansão de mim, dando-se na liberdade de não querer tirar à força o que não me pertence. Ao contrário, quero conjugar muito bem com a humildade que não se distrai, seguindo um rumo de ausências de mim que se completa na opinião dos fatos que fervilham ao redor. O verdadeiro domínio se dá de porta aberta, onde tudo pode entrar

e sair, mesmo a figura triste de Isabel, decepcionada com minha distância, ou impotência. E vou pedir que não me tenha sempre como sensível e que me perdoe desde já pelos meus dias cinza. Vou fazer de tudo para que seja como um espelho onde tudo se reflete e nada se fixa, isto é, uma comunicação de rápidos murmúrios e de sombras que passam, sem querer que ela se fixe em mim, como se fosse um salvador. Se estou envelhecendo mais que desejava, não tenho a pretensão de avançar ao ponto de perfazer-se em mim um homem da tal integridade como fala Borges.

Um dia alguém sonhou que haveria, em algum lugar, um homem íntegro: o mais perfeito ser de todos os seres humanos. Um homem de coração palpitante *na penumbra de um corpo humano*. E por virtudes sobrenaturais, fez-se nascer tal homem que o tal sonhador havia sonhado. Sabia, porém, o sonhador que o tal homem era um simulacro. Finalmente o conto de Borges diz que o próprio sonhador era um simulacro, sonho também do homem perfeito. Isso me deu a impressão de apenas andar por aí pouco mais que nuvens leves e passageiras. Mas diz o nosso autor que o homem – gerado num sonho pelo ser que sonhara, e que havia sonhado o homem perfeito – tivera sua vitória, mas que ao final ficou embaciada pelo fastio. Fiquei sonhando comigo mesmo no tal homem perfeito. Acredito que teria mesmo um coração palpitante na penumbra do corpo humano. Se tivesse o dom de me educar com tal perfeição a ponto de me tornar perfeito, que não tivesse vergonha de aprender da pessoa mais simples e dos animais do campo. Soubesse integrar perfeitamente os mais veementes apelos de minhas carnes com os dizeres mais perfeitos da terra, e ainda mais: soubesse, equilibradamente, ponderar tudo, entre o que penso, sinto e ouço. Sonho que seria pouco perto do leve suspiro de Isabel e dos anseios que batem na menor casa. Mais possuía meu ser perfeito. Não ficava por aí só falando e me comunicando. A minha passagem não podia ser absoluta, porque de alguma forma poderia me perder no poder que possuiria e também, como o homem sonhado, ficaria enfasiado. Afinal, não há quem aguarde, por muito tempo, o poder de se

achar o homem de tal integridade. Vendo-me melhor e sem a educação do homem da tal integridade, fico à mercê de minhas dúvidas e incertezas. Melhor assim.

Retirada a pretensão do homem da tal integridade para poder amar de coração e com um pouco de estética, medito ainda mais sobre minhas realizações passadas para delas apanhar o fulcro principal da solidariedade, que acho que é a única coisa que é capaz de salvar.

Creio que arrastamos atrás e na frente de nós todos aqueles que de alguma forma passaram por nosso sangue e nossa alma. Avalio também que há uma insaciável fome que deseja a melhor expressão. Assim somos simples espelhos nos quais antigos sorrisos, pensamentos e ações querem tomar vulto. A claridade que provém daqueles que nos cercam, que querem abrigo em nosso peito e podem acender os lampiões, fará a eterna e terna alegria que insiste em não desaparecer.

Essa claridade vem de longe. Isso me lembra mais uma vez Borges.

Cada um de nós colabora, de um modo ou de outro, neste mundo. Cada um de nós quer que este mundo seja melhor. Somente os doentes e feridos não conseguem isso. E, se o mundo realmente melhora, eterna esperança: se a pátria se salva – por que não haverá de se salvar a pátria? –, nós seremos imortais nessa salvação, não importa que conheçam ou não nossos nomes. Isso é o mínimo. O importante é a imortalidade. Essa imortalidade se concretiza nas obras que deixamos, na memória que deixamos nos outros. Essa memória pode ser ínfima, pode ser uma frase qualquer. Por exemplo: “Fulano de tal é um peregrino como eu”. Não sei quem inventou essa frase, mas cada vez que alguém repete a frase eu sou esta pessoa. *Que importa que este companheiro tenha morrido, se ele vive em mim e em cada um dos que repetem esta frase?... Estou usando a língua castelhana. Quantos castelhanos mortos estão vivendo em mim?.... Talvez o mais importante seja o que não recordamos*

de modo preciso; talvez o mais importante nós o recordemos de uma maneira inconsciente... (Borges, *Cinco versões pessoais*).

A imortalidade, então, tem se constituída em mim de gestos de bondade realizados coletivamente, somados os séculos e meus dias particulares. Quando vi os meninos caindo como juncos pela foice, apreendi, com força, o que se varria da face da terra. A mãe fazia poucos dias limpava as cuecas de seu menino, sonhando e temendo. Agora não necessitaria sonhar nem temer. Outro piá, de manhã, um mês antes de sua morte prematura, andava a cavalo, as folhas roçando-lhe o rosto e uma chuva de pingos grossos a saltar na passagem pelo riacho. Aí uma saraivada e o silêncio. Todos os meninos mortos e suas mães a se perguntar o que haviam feito de suas noites em claro e de seus seios generosos. Quase me matei de tanto batalhar pra dar uma casa para os meninos drogados, Santo Deus, acho que foi a melhor parte de minha imortalidade: ter aceito o convite de uma mãe desesperada. E todas as mães que se beneficiaram do inestimável apoio recebido pelos cuidadores daquela casa. Nem ao menos sabem as mães dos meninos que viraram sangue bom do bem daquele apelo materno tantos anos passados. É disso que eu não posso me libertar, por maiores que sejam as carências de minha casa. Lembro, então, Cortazar, *As armas secretas*, narrando a história do drogado Johnny, ninguém sabendo o que fazer dele, tampouco referir a necessidade de parar com o pó que o matava.

Como sempre, foi Tica quem arrumou tudo, sentando-se com sua grande tranquilidade em nossa mesa, puxando uma cadeira para o lado de Johnny e colocando a mão em seu ombro, sem forçá-lo, até que por fim Johnny endireitou-se um pouco e passou daquele horror à conveniente atitude do amigo sentado, apenas levantando alguns centímetros os joelhos e deixando que entre suas nádegas e o chão se interpusse a aceitabilíssima comodidade de uma cadeira...

A comunicação é uma tarefa duríssima. Por mais ternura que se tenha, difícil é dizer com palavras o caminho melhor quando alguém está

preso em sua caverna. Para Cortazar, a cadeira surge como um objeto mais confortante e mais capaz de aliviar o austero encontro humano. A soleira da porta, a poltrona, um toco no campo, a cadeira, o banquinho, ou mesmo o chão, possivelmente nos suportam melhor que um coração humano quando a angústia está em demasia... Mas sempre aparece uma Tica que tem mais tranquilidade e olha com tamanha serenidade como se nada tivesse acontecendo, a não ser respeito diante do amigo. Vejo, pois, a necessidade e o quanto de coragem é exigida para entrar na vida dos outros e deixá-los melhores. E, por outro lado, fico encantado com a emblemática cadeira como símbolo da solidariedade. Pretendo ser a cadeira de Isabel... sem abandonar a imortalidade de tudo que fui e dos que já se foram... Muito já se falou das casas e de seus lugares, mas as pobres cadeiras, de fato, é que mais são solidárias com o mundo humano. Todo nosso peso se deposita sobre elas. Nem ao menos nos damos conta de sua generosidade. Se foi uma criação humana, pouco importa, aí estão a madeira, as palhas, os panos, o couro, o feltro e tudo mais que se compõe para nos dar um pouco de descanso e, na sala ou à mesa, faz reunir nossos risos, angústias e nossas tristezas. Apenas sentem que acima delas brotam palavras e suspiros. O seu silêncio é admirável, pois o montante da realidade humana é vasto, o que poderia fazer falar até as pedras. Mas não, a cadeira fica solidária, quieta e serviçal. É bom que nos compadeçamos delas, entretanto podem ser retratadas, generosamente, pelos artistas, sem ter de passar pela inconstante forma humana de ser. De toda a maneira que se olhar, fica a lição de podermos ter um pouco mais de generosidade, pois aí estamos frente a frente, sem ter de suportar, sem um pio, o peso de nossos traseiros. Falemos, pois, do alto delas... que assim cumprem sua natureza, e nós, a nossa. Eu é que fico meio atordoado por me lembrar de toda missão que se impôs sobre mim. Acho que dei conta do recado e agora, *así no más*, me veio essa imposição feminina. Qual será minha imortalidade? Quem serei para a imortalidade de Isabel, que passará adiante nosso encontro?

Mania dessa vida, passar inscrevendo pequenas paixões e depois envelhecer. Mas em tudo se põe um céu acima de nós, às vezes impiedoso e vazio, e esta vontade de ser e dizer! Será o céu a possibilidade de conversar com os olhos cheios de lágrimas de tanta paixão? Isabel será parte divina de minha imortalidade? Mas enquanto não está comigo por causa de meu coração que não está bem resolvido, dialogo com ele. Entre movimentos ardentes e plácidos e de estertores acho a vida o máximo. E daí se poder justificar o egoísmo de não querer morrer. Afinal, depois de tantos percalços, estradas e calçadas, conseguindo fazer alguma coisa e contribuindo com as tentativas da pretensa e humana imortalidade, bem que merecíamos ficar um pouco mais. E sentir o coração quebrar-se significa perder o fio da meada de nosso texto, pelo qual buscávamos as melhores explicações para viver. Ficamos, então, de mãos abanando, melhor, de braços cruzados, sem ter mais o que dizer. Pois dizer importa mais que fazer. Dizendo ou fazendo, queremos é o reconhecimento. Se assim não for, ficamos aí sozinhos com nosso coração, com todas as nossas intenções. Portanto, não me abandone, ó coração, pois, se assim for, também tu não mais terás com quem se comunicar. Apenas dizer: é de minha natureza morrer. O único reconhecimento poderá ser o de buscar a palavra naquilo que deixamos nos outros. Mas enquanto perambulamos com um certo sentido para explicar o que fazemos, ou para escrever o nosso texto de cada dia, está tudo bem. Ainda reconhecemos que deambulamos. Fico pensando... qual será o jeito de ser se perdemos parte de nós? Imagino perder uma perna. Perder uma perna não constitui o principal problema, afinal tem outros jeitos de ir adiante. O problema é que nós não nos reconhecemos mais. Em algum lugar ficou uma parte que não se comunica mais. Ela não participa mais das conversas e, quando nos servimos de uma muleta, falta em nós o que nos era amigo. Perdemos parte do texto com o qual perambulávamos em busca de um sentido para viver. Agora, sem a perna, estamos mais solitários. Então adoecemos. Ao contrário, se pudermos substituir a perna ou até, em sua falta, ampliar o texto com o qual

buscamos explicar nossas vidas, possivelmente estaremos mais saudáveis.

E foi numa ocasião em que me acidentei e que me vi mais abatido que um corvo doente. Verdadeiramente um fracassado, pois não me reconhecia naquele estado de petição. Mais desanimado que um burro cansado e o dono irrequieto. Era como a *lenda da carruagem*, do cocheiro e dos cavalos em Platão. Se minha narrativa não se ajusta às percepções de Platão, se ajusta às minhas. O cocheiro, a razão assessorada por todas as virtudes, no meu caso, desorientado e, pior, perturbado, não consegue dominar os cavalos, que no meu entendimento podem se constituir pelos apelos das exigências sociais e da irracionalidade. Buenas, daquele jeito mal conseguia conduzir a carroça da minha vida. Até pensei em poder me ocultar de tudo, feito a lenda do *pastor Giges*, que por se encontrar no fundo de uma caverna encontrou um anel que, bem movimentado, podia fazer Giges desaparecer que ninguém saberia dos seus feitos e malfeitos. Não haveria quem pudesse olhá-lo e imputar-lhe qualquer culpa. Também eu, de tão mal, por não me reconhecer, queria que se danassem o cocheiro, os cavalos, a carruagem e todos meus passageiros. Estava perto do maior dos pecados, o da desesperança. Mas certa manhã de sol puro, em que até as palmas estavam paradas pelo brilho do céu, espiando pela janela do hospital, divisei uma ave que se equilibrava nas alturas. Dei-me, então, conta de minha fé. Se a razão, meus instintos e meu aprendizado não davam conta do que fazer, bem que poderia apelar para os céus. Foi o que fiz. Confortei-me com as lições de Teresa de Ávila. Duas delas me afiguravam muito oportunas: a humildade e a eucaristia. A primeira me convencia de que nada adianta querer ser maior que Deus e a natureza. Se o acidente humano é previsto, que poderia fazer para me achar isento dele? Suspendi minha vida na aragem de Deus como a ave que estava suspensa no céu. Da segunda lição apreciei que poderia estar mais próximo de Deus, ou melhor, com ele me identificar. Assim como Deus formara a natureza entre a vida e a morte, quem era eu para suplantá-lo? Bem mais fui adiante: me vi preso na constituição da própria graça

imorredoura. Adentrei na infinitude de Deus, é claro, não tanto quanto Teresa adentrara em seu êxtase, mas firmei uma posição cheia de energia. Vieram lágrimas como fontes e um sentimento indizível deixou-me perplexo e muito confortado. Mais rapidamente comecei a melhorar de meus ossos moídos. Em duas semanas andava ensaiando passos e com mais um mês gerenciava a construção da igreja que me levava às minhas orações. Daí em diante, e por muito tempo, todos viam em meus discursos mais intimidade com Deus e mais conforto para todos. Tornei-me semelhante a Tereza, metido numa pobreza de fazer dó, pois achava suficiente a força do Senhor. Estava um verdadeiro penitente.

Pensando numa pessoa amiga é que neste final de tarde – hora propícia para a maior intimidade – é que digo um pouco mais do caminho – único caminho perfeito – para ampliar uma existência: o caminho da eucaristia. Olhando-se bem para este estado de comunhão humana, vejamos se ele não tem horas especiais. Diz Cortázar em as *Armas secretas: Seis da tarde, a hora grave*. Nas horas graves podemos dizer a *hora dourada em que o bairro inteiro de Saint-Sulpice começa a mudar*. Ao sair do trabalho, o papel de embrulho no qual nos envolvem, renovam-se as intenções e ficam tristes os solitários por não ter para quem dizer, na soleira da porta, como foi o dia ou dos cotidianos refrigérios e preocupações. É a hora necessária da palavra, bem como esta que agora me possui. Não apenas os vizinhos de minha casa ou as árvores do quintal me são tão próximos como as estrelas e as dores e as alegrias que perpassam os corações humanos. Quem sustenta em si todas as coisas, Aquele que não anda de bengala, Aquele que não voa trôpego como os tucanos, Aquele que é a imensidão de tudo. Uma espécie de angústia domesticável e de ausências me possui, pois ando tão carente do infinito que caio de joelhos diante do altar de pedras onde se esconde o corpo de Deus. Careço de alguém que me diga: “meu amigo”. Minha alma se encanta em Deus meu Salvador. Quando a foice do agricultor ceifava a aveia, para pasto ao gado, fazia-se a hora do Ângelus. Duas intenções quase sempre se faziam: uma da ternura do corpo e outra da alma. Ambas

me penetravam. Estendi a oração, com facilidade, por mais de uma hora. Retomei às vésperas. Por bom tempo não fazia mais uso da oração das horas.

*Salve, ó altar, salve vítima,
eis que a vitória reluz:
a vida em ti fere a morte,
morte que à vida conduz.
Salve, ó cruz, doce esperança,
concede aos réus remissão;
dá-nos o fruto da graça,
que floresceu na Paixão.*

Silenciei depois e me tive como um pato diante de um grande lago, sereno pelas águas tantas que tinha por nadar. Me senti trespassado pelo momento sutil da hora. Vi então que cada momento transcreve uma vontade de Deus. Aquele era a de contato profundo em que a alma contém em si a sua melhor identidade e transcende a si mesma.

Por essa época de luz íntima e fresca, escrevi para um amigo que andava entre ódio de um inimigo que causara perdas à sua esposa: *a dor e o ódio, talvez, sejam os maiores impedimentos da felicidade. Ambos merecem todo o cuidado. Em ambas as situações pode haver gritos e sussurros que inibem o contato humano e a centelha divina. Na dor pode haver remédio, assim como no ódio. Em ambos os casos, porém depende da profundidade de como se instalam. No ódio e na dor o inimigo pode se instalar cruel e permanente, tirando toda a energia de quem sofre ou odeia e, pior de tudo, a alegria, a filha predileta do bem. Nos dois casos de nada adianta querer abrigá-los, o que mais importa é livrar-se deles. No ódio é perdoar ou encontrar qualquer forma de libertar-se daquele que nos feriu. Não é bom recurso ferir o outro de morte. Isso pode oferecer apenas um leve alívio e até deixar pior o nosso envolvimento naquele que nós*

odiamos. Pode haver um processo longo e que acaba por nos condenar. A liberdade sempre significa o poder que temos de afastar nossos obstáculos em busca do bem-estar. É mais livre quem mais adequadamente pode livrar-se do ódio e da dor. Pode haver lágrimas, mas que sejam passageiras, caso contrário, a morte nos olha de todos os lados. Penso também que a fragilidade pode roubar de nós as melhores forças em razão de estarmos expostos. Gostaria de ser um pouco da fortaleza amiga e ter do amigo a melhor proteção. Do jeito que você anda, continuei a falar: lembre que o pior dos males é um mal que também poderíamos fazer. Perdão não significa esquecer, mas pelo amor, saber que o limite humano nos ataca a todos. Reze comigo: querido Deus das alturas, ponha o vosso auxílio, concedendo ver o que ainda não vi. E neste ínterim, que se precipite a vossa graça na dimensão humana. Afaste a angústia e me deixe como um caboclo que vive satisfeito, tendo apenas sua violinha debaixo do braço.

Não amarguemos o tempo com o passado. Se acaso você sentiu muito ofendido, ponha nas mãos da justiça a ofensa, mas não queira ter um mão mais poderosa a ponto de responder ao teu inimigo com maior mal.

No caso da tua amada mulher, vê com ela uma melhor oportunidade de existir. Tenho pra mim que a vida reserva sempre atrás de um não, uma realidade ainda melhor. Mais vale acreditar nisso que ficar remoendo a dor e o ódio. Confesso que nem sempre me servi desses conselhos, mas não me saí bem. Diga à tua esposa que o melhor é tomar conta de outra forma de se comunicar e não aquela que se perdeu.

Ao falar dessa maneira, resolvi escolher o caminho do amor e do perdão sobre qualquer resultado de minha própria decisão.

Diálogos emergentes

Me pergunto, de repente, por que tenho de contar todas essas coisas? A gente não se pergunta muito por que faz tudo o que faz, não questiona por que aceita um convite para o jantar, ou por que de alguém nos contar um bom caso. O fato é o seguinte: surge, como uma covega no estômago, e não dá para ficar tranquilo até encontrar um amigo e contar a mesma história ou o que está se fazendo. Só então a gente se sente bem, contente, sabendo melhor de tudo que acontece

Continuo a conversa de Júlio Cortázar: tanto com um caso, como com o trabalho, buscamos nos comunicar. Queremos dizer: veja o que estou fazendo. Que bela obra estou fazendo, ou, ainda melhor, que bela coisa estamos fazendo. Este dizer é o essencial. Se ficarmos apenas conosco, fica um gosto de não conclusão. Nem ao menos sabemos se isso que fazemos está bem feito. É verdade, o trabalho realizado também se constitui em comunicação, ainda que rudimentar. Todas as lembranças dos diálogos realizados face a face ou em leituras constituem-se numa forma de comunicação, mas, uma vez distantes, perdem seu valor, porque não precisam de nossa opinião. Portanto, para se ter alguma certeza do benefício, de verdade ou de expressividade, precisamos dizer ao fazer. Se assim não for, o feito esmorece dentro de nós e o peito se entristece até às lágrimas ou, ainda pior, queremos nos distanciar não se sabe para que mundo, já que neste não sabemos por que estamos fazendo.

A essas alturas do campeonato, vivendo entre o chamado divino e o convite concreto do amor resumido numa mulher, resolvi fazer uma viagem. Dizia meu psiquiatra que eu não podia fugir de mim. Isso era uma inautenticidade, estava querendo driblar a mim mesmo. Não poderia ficar com a bola na minha frente e entrar num navio. Assim é que me propus. Entraria num navio pra ver as estrelas e o mar, tomando minha profunda decisão. Desrespeitei também Sêneca, que dizia a mesma coisa de meu psiquiatra. Não era pra menos, afinal, esperava encontrar o maior sentido

do amor. Para tanto iria buscar a força necessária pra contradizer aqueles que dizem que a história é a verdade, e uma história que vai da funda até a bomba atômica. Contrariamente a tais pensadores, quero humildemente dispor de minha vontade para comprovar que a verdade do encontro pode revelar essa verdade na história. Se, de fato, houver esse encontro com Isabel, posso compreender que na pequenez de uma casa pode haver o brilho divino tanto quanto numa catedral. Não posso prometer sem estar preparado para o indizível. A aventura do meu amor não pode estar abaixo dos maiores elogios que já fiz sobre a solidariedade. É tão raro atingir a infinitude sozinho e quero ver a possibilidade de encontrá-la a dois, uma vez que o sublime é muito particular. Fazer a mesma vereda do extraordinário exige o extraordinário. Isso não é para lances fortuitos. O infinito de cada um, para ser atingido em sua plenitude, se faz numa trajetória de longa data. Se fracassar nessa aventura austera – o amor também tem mania de se fazer difícil – ninguém poderá me acusar de ter sido leviano. Tenho uma confiança ainda não gasta pelas vicissitudes e negações que a vida produz. Sou um sessentão ainda não desanimado, mas não me acho o tal, então, todo o cuidado é pouco.

Quando falei pra Isabel de minha decisão de viajar, ela me chamou de egoísta, a que respondi que não poderia aderir à sua vida enquanto estivesse nessa situação de não ser uma coisa nem outra. Encontrar Deus em mim e em todas as criaturas até que não é tarefa difícil, mas estar disponível em horário integral para uma criatura e com ela retirar o que de melhor existe exige a certeza de que se fez a melhor escolha. No mínimo, são necessários uns dias de vigília à moda dos antigos cavaleiros. Na verdade, carecia de uma caminhada entre águas e estrelas. Não é pra qualquer um perder em parte a própria identidade pra ampliar-se na idiossincrasia de uma mulher. Mais, já sou curtido pela solidão.

Cá estou ouvindo a solidão do mar. Me despeço da última parte do Brasil em Fernando de Noronha. As paisagens das rochas me dizem da seriedade e da alegria do momento. Uma espécie de saudade me invade,

mas não o suficiente para embargar o destino de minha viagem. Na volta, que eu me tenha como uma pequena fortaleza a serviço da ternura. Não ande errante sem saber amar o suficiente. Isso, pra mim, significa que tenha de perder minha subjetividade autossuficiente, assumindo a insuficiência pessoal, abraçar o propósito da natureza, que se constitui da divisão que se agrega para se completar. Tenha disso o valor mais alto e constante para existir numa essência que avança.

Sei que as amizades subsistem quando em integração de interesses e de buscas em torno de bens pelos quais se diminui a impotência.

la olhando o mar que sustentava o grande navio quando percebo um senhor muito incomodado. Mal conseguia esconder a insatisfação. Sentado ao meu lado, metia lenha em sua mulher por tê-lo trazido nesse navio. Não via razão nenhuma de estar aí. Dizia-me: que porcaria é essa de andar o dia todo de papo pra cima. E a internet aqui funciona pior que uma carroça velha tocada por matungos. Meus negócios estão à deriva. Não sei como as mercadorias estão chegando. Dizia-lhe para se sentir mais confortado que, por certo, sua empresa, por ter sido bem organizada, daria conta de suas pernas. Agradeceu meu conforto. Vi o quanto estava vinculado aos montes de coisas que deixara. Aí um homem fragilizado. Pequeno como um batateiro agarrado em suas grandes bolas, mas sem força em sua frágil estrutura. Bastou que visse o quanto podia confiar em sua máquina de negócios que se sentiu fortalecido. Se fosse espremer sua humanidade sairia um anãozinho sem vitalidade. Ao contrário, sua esposa, quieta, ouvia as críticas. Depois de refeito um pouco em seu desamparo, ela começou a falar, e me pareceu conversar com uma mulher que tentava salvar seu marido de sua patologia financeira. Sua voz era doce e sua palavra convincente ao dizer-lhe: meu bem, já não basta o que temos? Meu senhor, falou-me, ajude-me a convencer a que tenha mais respeito por si mesmo e a viver sem tanta pressa. Não consegue ver mais a mim nem aos seus filhos. Tudo é bobagem pra ele a não ser o resultado dos

seus negócios. Devo-te, meu bem, a segurança, mas agora basta de andar sem descanso.

Pra não perder tempo, narrei-lhe uma velha lenda: havia um russo que queria terras e mais terras às margens sul do rio Volga. Lá foi-lhe oferecida uma extensão de terra que ele poderia possuir, desde que as conquistasse caminhando do amanhecer ao anoitecer. Sérquiv, era seu nome, entusiasmou-se: por apenas mil rublos poderia obter toda aquela terra. Andou por terras áridas de manhã, mas, depois, a fertilidade aumentava, a ponto de, pelas três horas da tarde, ver aveia e trigo da altura de um cavalo. Caminhou ainda mais. Mais tarde ficou desesperado por medo de deixar escapar sua fortuna, pois, se não voltasse antes de o sol se pôr, perderia os mil rublos e as terras caminhadas. Correu a ponto de ficar cianótico. Doe-lhe o peito de tanto correr. Teve um enfarto por ser tão esfaimado por terras. Morreu o pobre russo antes de chegar à aldeia, perdendo tudo, até a própria vida. O homem riu-se todo, me dizendo que tinha voz de padre, história de padre, jeito de padre. Respondi: sou um padre. Rimos juntos. Poucas vezes me encontrei com o casal e a mulher. Oportunamente, veio me agradecer. Enfim me perguntei se não estaria como o velho negociante, apenas querendo grandes coisas. Não conseguia ainda me ater a pequenas coisas e me reunir generosamente em uma casa com Isabel. Eu não vendia mercadorias, mas sonhos e empreendimentos, sem descanso. Mais hei de me converter tornando-me mais um arbusto do que um sonhador de florestas. Teria o mesmo prazer em abraçar Isabel e de tamanho igual àqueles dos grandes feitos em torno de Deus e dos homens. Ainda abraçaria Isabel como se multiplicasse minha alma e haveria fervor em meu corpo. Não mais careceria de andar contemplando o Deus distante, nela Ele se resumiria.

Andava pensando desse jeito enquanto ouvia música em uma das salas de lazer. Chegou-se uma mulher, convidando-me pra dançar. Afirmei-lhe que não era hábil nessa arte, mas poderia conversar com ela. Sentou-se. Meu Deus, estava um pobre diabo sem saber o que fazer. Meus sessenta anos de nada adiantavam diante de uma mulher. Com

Isabel já sentira estar sempre desprevenido. Os sentimentos não eram bons conselheiros, uma vez que intensos. Acho que meu jeito tinha tudo de um pastor. A mulher mal dissera duas palavras quando começou a revelar sua vida. Me agradava aquela desproteção. Pedia que não descuidasse de suas palavras. Seu pai era um conhecido empresário de São Paulo. Ela buscara alguém que a pudesse amar sem os desejos de sua fortuna. Enquanto falava, passei a refletir sobre a dificuldade do amor entre grandes fortunas. Sempre havia a intenção financeira e os desvelos em torno de exterioridades. Por não terem necessidade de se fixar em brinquedos, nem em pessoas, nem em instituições, aprenderam a levar a vida sem referências duradouras. Continuei ouvindo

— Tive dois casamentos. Cada um mais infeliz que outro, tanto meus casamentos como meus homens. O primeiro me afirmava que não procedia levado pela fortuna, mas depois de alguns meses de relacionamento, descobria que a consideração dele dirigia-se igual à de meu pai: preservar um patrimônio. Os valores da intimidade contavam pouco. O último que encontrei até que se envolvia afetivamente, mas a leucemia o levou. Estou vendo se, com as paisagens e os movimentos, consigo reaver meu desejo de viver.

— Não sei o quanto abalada você está. Quando diz que o último até que se envolvia, pouco diz da intensidade do relacionamento.

— O que senhor quer dizer?

— Desculpe minha análise precipitada. Não sei o quanto os dois foram incapazes ou quanto você priva com intimidade.

— O senhor insinua que eu posso estar com pouco amor pra dar e receber?

— Por favor, deixe o senhor de lado. Não disse isso, apenas questioneei se somente eles tinham dificuldades e como você lida com o amor.

— Quem é o senhor para avaliar minha intimidade?

— Você me fala senhor pra se distanciar de mim?

— Desculpe pelo senhor. Você me parece um psiquiatra.

— Sou um padre que está querendo apenas ser um homem comum.

— Como assim?

— Estou amando uma mulher. Sou padre, mas vim pedir conselhos ao mar.

— É mesmo, não é fácil ser conselheiro de si mesmo.

— Estou dando um tempo pra ver se sou capaz de amar a Deus dentro de uma casa.

— Complicou. Acho que primeiro deve encontrar a Deus numa mulher. Coisa ainda mais complicada. Deus tem muitos jeitos de ser numa mulher. Como mesmo é seu nome?

— Artêmio.

— Padre Artêmio, me diga mesmo por que está deixando o certo pelo incerto?

— Não quero ficar ardendo em desejo pelo resto da vida. Tenho vontade, também, de experimentar uma forma mais íntima de ser. E nem tão incerta é a presença de Deus na intimidade de um homem e uma mulher.

Padre Artêmio foi dançar e soprou no ouvido de Úrsula, assim se chamava ela.

— Acho que sou melhor num sermão que no movimento da dança.

— Artêmio, assim posso chamá-lo?, nem sempre a perfeição do que se faz é o melhor.

— Que assim seja, pra não perder o costume. Concordo.

Padre Artêmio começou a sentir o gosto de um corpo feminino junto ao seu e o quanto tudo era bom. Resultou ainda mais convencido de que merecia o prêmio.

As conversas durante sete dias deixaram-no mais confortado sobre a possibilidade de acertar-se com Isabel. Não havia dúvidas: muitas eram as vantagens de estreitar a alteridade feminina. Pensava: vejo agora a oportunidade de haver o absoluto; não apenas de o complementar. As observações na interlocução da díade possuíam uma natureza diferente. Uma estética bem mais sensível e perspicaz fazia avantajar até o sentido da vida. Depois de uma semana, constituíam-se uma moldura e um desenho bem mais encantadores. Por sua vez, Úrsula estava bem mais animada e sincera. Via o quanto radicalizava opiniões e formatava pessoas dentro de seus princípios. Todavia, não se afastava da prioridade da ternura. Soube com razoável destemor que poderia ter em si uma mulher muito vibrante, uma vez que não se assombrasse tanto com fantasmas. Deveria se deixar levar sem amargura e sem os preconceitos de um amor perfeito. Por outro lado, viu o quanto estava vazia de atividades com alguma instituição a qual lhe ampliasse a própria linguagem. Escondia-se em si mesma. Padre Artêmio tendo já a intimidade da alma ursulina, pôde dizer-lhe em diversas conversas sobre as dificuldades que encontrara em seu caminho, ainda que soubesse que o saber das coisas não se coaduna em todos, muito menos em todas. Que ela soubesse que a alma feminina é muito mais densa na conquista, afinal os séculos ensinaram a importância da presença. A vida possui muito mais intimidades femininas que masculinas. Ao homem compete mais ter braços virtuosos, enquanto a mulher possui seios e coração virtuosos. Isso é fundamental. Não sei de toda força das partes femininas, apenas presumo que isso seja verdade. Contudo, homem ou mulher, o melhor de tudo é a simplicidade, a constância e a paciência, que é feita de muita confiança. Mas essas virtudes começam a ter mais importância na velhice, que é o tempo ao qual estou chegando. O jovem quer saber é de amar, e a volúpia faz que ame sempre, ainda que seja somente a si mesmo. Não fica

pondo filosofias em todas as partes, conversou Úrsula. Parece que o homem necessita levar a efeito a sua dignidade. Preza-a como um caçador à sua caça. A mulher não despreza o sexo, mas ama palavras, sinceridade e proteção. Não esqueça, minha cara Úrsula, que estou ficando velho, e a velhice traz consigo uma boa pitada de desconfiança. Assim, os jovens esperam muito da vida, ao passo que os mais velhos têm certas restrições. Parece que para os jovens a alegria e a felicidade sorriem; aos mais velhos a vida apresenta-se com certa gravidade. Em todos os casos persiste a esperança de um pastor: sempre acha que pode haver um pasto melhor. Melhor desse jeito que viver de alma desesperançada. O melhor de nossos dias é a ilusão de uma grande festa. Aos inseguros, inquietos, perdidos e angustiados é possível conceder um pouco de ternura, um pouco de ilusão e de certeza, foram falando como se conversassem consigo mesmos.

Depois desses diálogos, muito pouco faltou para irem para a cabine e lá ambos nutriram cada qual a intimidade, mas o padre estragou tudo com sua fidelidade, conforme queixa de Úrsula. Ele não queria ofender sua Isabel nem em pensamento, quanto mais em ações. Foi melhor porque ao menos uma vez na vida pude encontrar o que mais desejei: um homem sincero e de uma eterna harmonia. Ainda sonho com ele, exclamava a amiga. Ao padre Artêmio sobrou o deslumbramento diante do feminino e os momentos fugazes ficaram nele como um sonho confortável.

Foi assim que os dois se afastaram, melhorados. O certo é que ambos puderam ter mais confiança antes de estarem prontos para o amor.

Artêmio, ao pisar em terra firme, tentou conversar com sua doce senhora pela internet. Ao contrário do que esperava, recebeu uma amarga mensagem de um ex-colega, condenando sua atitude. Perguntava se não aprendera a respeito da responsabilidade de um padre. Que história aquela de ter o direito de fazer novas opções de vida? Não sabia que seu sacerdócio não podia se deixar evadir como uma lebre da armadilha? Seu

amigo padre José mostrava-se contundente ao falar sobre a decisão de abandonar o que tanto prezava. Nada mais que em egoísmo se constituía sua precipitada decisão. Estava já um velho e só agora descobrira a importância de uma mulher? Agora que o Senhor estava por ceifar o que plantara é que resolvia deixar de lado, como se uma grande promessa e juramento fossem um tormento ou peste? Uma vez que havia atravessado tantas tormentas e a generosidade havia se impregnado em sua vida, deixaria tudo por favas contadas e vendidas?

Padre Artêmio, sempre centrado, irritou-se com a impertinência do colega. Na hora mesma devolveu o email: Padre José, por favor, deixe-me tomar a minha decisão. Se acaso a minha nova opção causa laivos de revolta, veja se não é por razão de você também estar tentado a pensar o mesmo. Sempre tive a certeza: quem mais alto grita mais está tentado ou pouco convencido. Não tenha minha nova vida como abandono do que realizei, mas como prêmio e demonstração de uma maior elasticidade da vida. Se era quase um adolescente quando me tornei padre, não entendo que deva assumir de maneira permanente o que prometi. Deixe que me entenda com o Senhor a respeito de ter uma mulher por companheira e uma casa para minha maior intimidade. E do principal que fui não nego. Se a Igreja não aceita que continue com certos rituais, deixo por conta dela algum prejuízo nos campos do Senhor. Em compensação, vou encontrar Deus na intimidade e não vejo nenhuma razão Dele necessitar de mim com absoluta veemência, uma vez que Ele tem tanta virtude em sua eternidade. E não está Ele mais bem servido num amor que já não é mais solitário? Você fará melhor que me agredir se pensar em lutar por uma maior liberdade na Igreja. Julgo um equívoco eclesial transpor temporalidades igualando as circunstâncias temporais, como se as mulheres e os homens fossem os mesmos. A solidariedade cristã estaria bem melhor servida se mulheres pudessem imprimir seus talentos para aprimoramento das almas. Julgo até desprezível a atitude das autoridades superiores de desconsiderarem o poder feminino como indigno de celebrar tudo o que for sagrado. As comunidades civis dão testemunho da

qualidade feminina em conduzir seus objetivos. Do jeito que a Igreja se conduz, parece que Deus é do sexo masculino... mas se assim fosse, não negaria a companhia das mulheres. Ou será que a Igreja ainda julga que a mulher foi contaminada no paraíso, ou se constituiu como impedimento para melhoria da alma? Não me leve a mal, padre José, e não venha atrapalhar minha decisão. Desejo, sim, que seu ministério seja alegre e generoso como foi o meu. Não desprezo o que fui, mas entendo que meu desejo pode ser agradável aos olhos de quem tem boa vontade.

Seguindo adiante nos emails, vi outro que o instigava a continuar em sua decisão. Padre Canísio solicitava um encontro com ele, mostrando o interesse voltado para o que estava dificultando a decisão que pretendia tomar. Não sou tão infinito que tenha de tomar para sempre a vida que uma vez me propus, todavia me sinto preso em minhas limitações. Anunciava o conflito que levava muitos a ficarem presos a um sacerdócio sem saída.

Percebeu que ela estava no messenger.

Fala Isabel:

Oi, querido Artêmio! Boa viagem e que Deus te faça ainda melhor! Deixe, porém, que possa te dizer o que me dói no peito. Lá vou eu me pondo: Não estou para impedir qualquer decisão pessoal, mas não posso deixar de confessar meus pensamentos e desejos. Se o casamento, tenho pra mim, é uma espécie de mudança de natureza física e mental e ainda mais espiritual, não posso deixar passar esse momento em que a meditação se faz sobre as águas. Digo mais: é uma mudança radical. Pense bem, querido Artêmio, não quero que me entenda como um estorvo de Deus. Ao contrário, por mais breves que sejamos, podemos nos transformar em melhor forma, porquanto vibraremos em consonância. Se até me tornei muito afável com um animalzinho, que criei por 15 anos, dele exaurindo parte de minha sensibilidade e com ele também quero entrar no reino de Deus, imagino o quanto terei de ti tão cheio de compaixão humana e toda alma crescida em palavras que ainda não sou capaz de

dizer. Não esqueça, doutor da santa madre Igreja, que me sinto uma camponesa sem grandes e espirituais virtudes. Entretanto, serei capaz de infundir em tua carne fortalecida um resultado que nenhuma santa seria capaz de produzir. Rio comigo ao pensar que serei a mulher de um padre, não sabendo o quanto o meu verbo e os sentimentos femininos vão causar em ti. Carrego em mim a certeza de meu benefício, contanto que seja humilde o suficiente pra saber que a natureza feminina possui, diversamente da masculina, uma sabedoria oculta, dada pelos séculos e séculos. Nenhum livro de teologia supera o dom que realiza a mulher. Espero que, juntando-nos, eu tenha em ti um doce companheiro, e não vou negar todo bem que em mim existe, ainda mais que me preparo para ser pastora. Acredito que, por ser evangélica, muito mais temos a dividir.

Artêmio notou que a fala de Isabel estava mais para um discurso bem feito que para intimidades, próprias de um casal. Percebeu na peroração vertiginosa, ao mesmo tempo prudente, uma espécie de temor em não poder estar à altura dele, o que levou a que se magoasse. Será que é essa a imagem que transmito? É assim que ela me percebe? Sou, mesmo, um sujeito preocupado com qualquer tipo de grandeza?

Fala Artêmio:

Querida Isabel!

Puxa vida, minha santa pregadora! Esperava uma mensagem mais afável e menos solene que aquela que me chegou. Estou com saudades de ti, muitas saudades. Sei que és diferente e, sinceramente, mais amável e generosa que eu. Tenho certeza de que habitarei melhor em uma casa em razão de tua companhia. Ao me casar não buscarei ver nem colher de ti qualquer interesse que não seja o nosso bem-estar. Comunguei a vida toda da simplicidade popular e sei muito bem de tua alma. Quero estar contigo para viver o nosso cotidiano na forma que mais te agradar. Não buscarei qualquer vontade minha que não seja justificada e não deixarei que minha solidão de tantos anos me torne um sujeito enrustido. Farei de tudo para não ser impertinente, esperando não atrapalhar tua bondade

natural. E se algum dia eu for mais ríspido, desde já peço perdão. Sou um sonhador inveterado. Talvez essa minha falta de objetividade possa implicar algum desgosto. Poderemos, se assim for de tua vontade, estarmos juntos antes de nos casar. Não tenho nenhum prurido de alma em conviver antes de buscar no sacramento qualquer apoio absoluto.

Querida, esses dez dias de mar me ensinaram muita paciência e esperança. Tanta água para aspergir a terra em suas securas! Espero que tenha a mesma virtude para mitigar os momentos menos intensos de nossas vidas.

Fala Isabel

Poderíamos juntos atravessar a terra toda indo do Ocidente para o Oriente, dividindo os momentos. Poderia dividir o mar e a terra por onde anda sozinho, tendo aí a maior intimidade, porque dividir paisagens e palavras significa, também, amar.

Fala Artêmio:

Não me tenha assim presunçoso e poderoso de andar sozinho. Carrego uma vida de Deus pelo qual dei todos os meus pensamentos palavras e ações e bem poucas omissões. Quero te dizer que ainda não me afastei da Igreja. Significa que não estava pronto para você. Nessas ondas vi que não posso sair do lugar que me fez durante trinta anos, sem me despedir de maneira limpa e sem ressentimentos. Não quero guardar rancores pendentes. Minha entrega a uma casa e a você não pode ser diminuída com terreno minado por onde passei. Saí magoado com o padre Ambrósio por ter sido ofendido e acusado de leviano em meus sermões sobre o amor e a justiça. Tive falhas, entretanto não posso sair deixando ofensas e mal-entendidos pelo caminho. Preciso sair com minha ficha limpa, senhora e amável Isabel!

Fala Isabel:

Te espero, então, sem pendências. Logo que chegar ao Brasil, vá até quem estiver ofendido ou causou agravo. Espero que nenhuma culpa

sobrevoe tua cabeça. Entraremos sem mal algum em nossa casa, que deverá alegrar nosso corpo e nossa alma. Iluminarei teu caminho e tu farás o mesmo com o meu. Serei um sinal vivo de Deus, não apenas a força onipotente que guia estrelas e faz crescer o capim. Espero não decepcionar a vontade de Deus. Em nossas palavras e sentimentos possamos ter o reconhecimento mútuo. Veja que lembro as antigas orações que os padres rezavam. O teu universo infinito não está longe de mim. Não vou roubar o teu Deus, como me acusou tua querida mãe. Falando nela, será que ela se sente desprotegida com tua decisão? O que posso fazer para deixá-la menos reticente comigo?

Fala Artêmio:

Não leve em conta a irritação de minha mãe. É primitivo o costume de pensar que podemos intervir na vida eterna através de entregas e sacrifícios. Vou dizer a ela que no céu não existe caroneira. Ela entende que sou seu aval de felicidade para sempre. Mostra a ela que Deus não se restringe a uma só verdade. Sugira que é por tua bondade que se delinea o infinito. E que eu estou em boas mãos. Afinal, me retiraste da vinha e de outros vinhos beberei. Mostra a diferença. Que não te tenha como vinagre. Agora devo sair do navio, estamos em Funchal. Não vou perder, nessa ilha, as montanhas e os museus de Portugal. Depois te digo o que vi. Beijo, e o guarde em teu seio.

Fala Isabel:

Já o guardei e a outro que o tenhas em tua melhor parte.

O retorno ao navio trouxe um Artêmio desolado e assustado com o ser humano que descobrira no Museu de Arte Sacra. Ao falar com ela enviou suas impressões e mui tristes figuras que lhe vieram ao pensamento durante a visita ao dito museu.

Tento entender, minha querida, o que me ocorreu na visita a um dos museus mais expressivos de arte sacra. Eu já vi muitos deles espalhados pelo Brasil, entretanto nenhum me deixou tão acabrunhado

como este de Funchal. Misturam-se pavor e transcendência. Confusão mental talvez seja o que melhor expresse o que sinto ao te revelar o visto e percebido. Melhor seria dizer palavras amáveis, pois não é de bom tom escrever o que escrevo. Mais importante seria dizer de minha ternura e de como pretendo vivê-la não somente ao teu lado, mas contigo em todos os sentidos. Com tua bondade me permito dizer agora as impressões cheias de espanto que o dito museu me causou. Em nenhum momento de minha vida vi tão de perto a contradição humana. A violência anda em torno das imagens esculpidas ou pintadas. Em tudo aí se revelam dor, submissão e proteção, desde a anunciação até o Calvário. Impressionam a piedade e a violência que se escondem nas mortes diversas em cada canto. A grandeza de Deus expressa em São Gabriel, o grande Hermes cristão, e o terror da morte de Deus na descida da cruz reúnem-se num só pensamento. Representam-se muito bem, diante de toda a devastação e infinitude, as Nossas Senhoras protegendo o menino. Uma garantia de que não nos falte a segurança tendo uma mãe que protege. Por outro lado, esconde-se a violência na origem de todos aqueles santos. Os ricos senhores dos canaviais e dos engenhos costumavam levar até Flandres e Antuérpia o açúcar produzido na ilhas de Madeira e, mais recentemente, no século XVI no Brasil. Uma vez que, nos dois lugares da Bélgica, as estátuas e qualquer imagem estavam passando pela iconoclastia, principalmente em 1566 – revolta dos protestantes contra Felipe II o católico –, os exportadores faziam bons negócios levando a especiaria dos açúcares e trazendo, em razão das circunstâncias, as imagens por encomenda de pouco valor. Vendo tudo isso, revoltou-se em mim o espírito cristão, sabendo que o tempo faz diferentes pessoas. Não suportei as belezas retratadas, sofridas, encantadas, dizendo da vontade divina e do sofrimento em tanta vida escrava. Tudo se agrava quando se sabe que as artes sacras resultaram dos negócios de lutas cristãs.

Mas, querida Isabela, não é bem isso que desejo escrever. É sabido que o retrato de dores e violências não está distante de nós. Não me tenho tão puro e inocente. Sei que habita em mim o mesmo demônio

que habitava os negociantes. Não me eximo de culpa; ao contrário, temo ferir o tanto quanto se retrata nos quadros do museu sacro. Guardo em mim também uma nossa senhora protetora. Sei que sou ambíguo, mas contigo, tenho certeza, poderei domar melhor toda angústia que vi e que num átimo pode surgir em mim ou tê-la transformada por tua presença..

Fala Isabel:

Acredito em nossas polaridades, superadas apenas pela penitência e reciprocidade. Tu sabes, meu amor – me dou o direito de assim te chamar pela intensidade que vai dentro de mim –, que a renúncia e a reverência são termos para se ter quando cada qual quer se defender. Não vou renunciar ao meu protestantismo, mas não vou queimar os teus santos. É cheia de graça a realidade de me escolheres como companheira. De fato, Deus não escolhe muito os corações pra revelar o amor. Acho que o teu anjo Gabriel anuncia ainda o nascimento da bondade, assim como Hermes anunciava a vontade dos deuses. Veja o quanto estou também buscando avançar um pouco em minha teologia para que não fique vazia quando a saudade de falar de Deus bater em ti.

Beijos

Fala Artêmio:

Falo contente por te encontrar tão generosa. O sinal da internet já está falhando.

Beijo

Uma reflexão amorosa veio ter em Artêmio: é notável a impressão que se tem com ela. Parece que as sombras da realidade desaparecem, tudo vindo a ter mais luminosidade. Julgo, então, que minhas palavras se tornam mais vigorosas, perdendo a imprecisão. Não chego à perfeição, mas aperfeiçoo o que me cerca. Muito mais que diálogos que tive com teólogos e outros pastores, sinto nela uma presença que me torna mais íntegro e capaz. Não nego minha história, mas parece que minha estrutura humana parece uma casa despertando para intimidades. É por isso que as

coisas que acolho começam a se revelar. Depois disso voltou pra seu livro, *Mulheres que correm com os lobos*, de Estes. Lia rindo de uma lenda que a autora narra

Ela é conhecida por muitos nomes: La Huesera, a Mulher dos Ossos; La Trapera, a Trapeira; e La Loba, a Mulher-lobo.

O único trabalho de La Loba é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente o que corre o risco de se perder para o mundo. Sua caverna é cheia dos ossos de todos os tipos de criaturas do deserto: o vesado, a cascavel, o corvo. Dizem, porém, que sua especialidade reside nos lobos. Quando consegue reunir os ossos de um lobo e o último estando em seu devido lugar, pensa numa canção e canta. Os ossos começam a se cobrir de músculos e pele, o lobo respira e se apresenta vigoroso. La Loba ainda canta com tanta intensidade, que o chão do deserto estremece e, enquanto canta, o lobo abre os olhos, dá um salto e sai correndo pelo desfiladeiro.

Desse jeito estou eu enquanto me comunico com Isabel. Não mais converso apenas com alguém, sinto que sua alma se desdobra em mim. Existe uma porta pela qual não havia entrado. A transcendência que sempre me animou, por mais que motivasse, tinha uma certa distância. Havia sentido duas vezes a força da contemplação, a ponto de me elevar em comunhão. Ambas pela convergência de sentimentos em relação aos sentimentos universais da bondade: diante de um presépio e de uma manhã de Páscoa. Agora, me sinto me cobrir de energia, e as palavras dela me fazem bem como a canção de La Loba. Me sinto um lobo começando a correr pelo desfiladeiro.

Minha viagem terminou na Alemanha, entretanto sempre quis me dirigir até Auschwitz, na Polônia. Dali fui pra Birkenau, onde se localiza o campo de extermínio. Não preciso de mais nada pra avaliar o horror humano. Bem ali, entre tudo que percebia, via a reunião da perversidade, a ciência e o poder. Cheguei à conclusão sobre a pouca valia do esforço humano em dominar a natureza, se não houver um sentido de bondade.

Toda a utopia, e, em especial, aquela ali inscrita, mostrava-me a incomensurável violência. Mais me atingiu o pensamento ao pensar que toda a raça humana, mudadas as circunstâncias, poderá praticar o mesmo holocausto. Mudando, então, para os compartimentos de uma casa, a mesma bestialidade pode atacar os incautos, e não me eximo de estar entre eles. Se nem as mulheres escaparam de cometer atrocidade, levadas pela história ali praticada, como poderia eu garantir de me elevar acima do mal.

Voltei para o hotel em Varsóvia. Fiquei quieto e um bom volume de generosidade e ternura me envolveu. Estava pedindo pra que alguém me protegesse, sentindo-me ameaçado por tudo que presenciara. O guia da excursão, por mais vezes que dissesse as mesmas coisas, carregava sua voz de emoção.

Ainda longe de casa, já me assustavam os próximos passos. Ao chegar, Isabel veio até a casa canônica pra me ver. Entretanto, eu já morava em minha casa, que comprara antes de viajar. Brinquei dizendo-lhe que podia deixar de ver em mim um padre para me ter como homem, seu marido. Estranhou muito minha precipitação. Abracei-a ternamente e ela ainda se prendia aos costumes da discrição. Vamos devagar, Artêmio, sinto uma avalanche de amores, mas me deixe acostumar a ver em ti o homem a quem posso agradar sem temor.

O infinito carrega seus limites, fazendo com que o cotidiano nem sempre possa oferecer o que de melhor possui. Artêmio justificava sua ideia a partir da afirmação isabelina. Ele já havia feito sua terapia marítima e certificava-se de que seu rompimento com os princípios absolutos estava em questão. Não abria mão somente de um *ama e faça o quiseres*, ou seja, quase o mesmo da afirmativa de Kant: *Age unicamente segundo uma máxima tal que ao mesmo tempo possas querer que ela se torne uma lei universal*. Do resto podia discutir que tudo é da mão humana. Saiu de sua paróquia levando consigo o respeito e algumas coisinhas mais. Percebia o quanto a viagem lhe valera para a clareza de sua decisão.

Um amor incipiente

Chovia. As águas de setembro, indomáveis. Vento derrubando os galhos mais frágeis. Estouros no ar e roncões profundos ao longe. Quando seminarista, tais eventos atmosféricos implicavam movimentos temerosos em sua alma. Qualquer ato que não estivesse de acordo com as normas, levava sob o efeito da soturnidade, a que se produzissem sentimentos de culpa. Agora, não menos diferente, a violência do tempo sobre sua casa provocava temores de não poder dar conta da felicidade de uma mulher. Se qualquer objeto pode influenciar quem quer que seja e de diversas maneiras em diferentes ocasiões, quanto mais Isabel poderá se expressar de diversas maneiras em diferentes ocasiões. E se ele, por mais boa vontade que tenha, for se apresentar de maneira pouco consoante com os desejos de Isabel, quem poderá lhe garantir a virtude da doçura e da compaixão pelo resto da vida. Pensou, como consolo, que o caráter dela e o seu estavam aí para pôr ordem nos afetos e não se deixar seduzir por meras circunstâncias de tempo e de lugar. Contrapunha que também ele, não fazia tempo, andava todo entregue aos desígnios de Deus e sua graça e, agora, iniciava a coordenar tudo na vida de acordo com os desígnios e a graça de uma mulher. E um pensamento soava insistente: é mais fácil agradar a Deus que a uma mulher. E se, novamente, outras tempestades se fizessem, estaria apto a segurar-se dentro da fidelidade. Até onde resistiria a se inclinar para outras direções que não as que se propusera? Assim ia procedendo, quando entrou subitamente um vento e derrubou uma nossa senhora, que ficou em cacos pelo chão. Nem ao menos cuidara de nossa senhora, teria cuidados em proteger e amar sua doce senhora, que se punha resoluta em seu nicho? Conformou-se melhor em seu pensamento, ao se sentir mais pronto para amar sua doce senhora.

Foi quando ouviu batidas na porta. Era ela. Toda molhada. A blusa colada em seu corpo, pondo em evidência as formas dos seios. Pela primeira vez ele a via tão inteira. Pediu se poderia tirar sua blusa. Ela se

aproximou e ele, com cuidado, deixou seu busto nu. Incontinenti, ela se encostou em seu peito. Enlaçada, apertou-o contra si. O momento absoluto imprimiu-se nos dois. O tempo continuava indomável enquanto se entregavam. Ali estava um resumo do prazer.

Enquanto tais encontros começaram a se suceder, o afastamento de Artêmio na paróquia gerava incômodos. A sua presença na diocese era muito respeitada. Diversas eram as explicações do bispo, dos colegas de paróquias vizinhas e de todos por onde passara durante seus trinta anos de pastor. O que havia dado no santo homem? Velho já e, agora, casar! O bispo teve dificuldades para dispensá-lo. Os familiares não se conformavam, como se ele fosse o aval de eterna salvação dos irmãos e dos parentes mais próximos. A velha senhora sua mãe é que menos se conformava. Se ao menos esperasse eu morrer, dizia, pra me dar este desgosto. Artêmio exerceu a virtude da paciência e da boa vontade pra não exacerbar sua irritação. Percebeu o quanto sua liberdade era pequena. Resistiu. O mais difícil foi pra Isabel. Entre os parentes de Artêmio ela era observada sob um silêncio austero. Inquiriu de Artêmio se eram impressão dela os silêncios e os olhares. Seria seu temor ou os silêncios e olhares que a condenavam? Artêmio não minimizou.

— Estamos solitários em nossa decisão. E pior, estamos sendo julgados por não optarmos pela mesma religião.

— Meu Deus, tem isso ainda.

— Pra você ver: estamos quase sem proteção. Mas deixa estar, Isabel. Faremos um amor acima de qualquer suspeita. Por isso eu digo: o mundo estaria bem melhor se houvesse menos fé e mais caridade.

Grande dificuldade incidiu sobre o casamento a ser realizado, pois ambas as crenças condenavam a união dos dois. Os acertos demandaram grandes diálogos, até que, enfim, e de pouca boa vontade de ambas as tradições, celebraram um casamento ecumênico.

Após o casamento, Artêmio tomou nota em suas reflexões sobre a situação em que se encontrava: até agora mais vivemos dando explicações e nos defendendo que nos amando. O que posso dizer: não desejo que entendam mal. Não estou bem. Por mais que em casa estejamos como em uma toca amorosa, me sinto pouco à vontade. Isabel sente meu silêncio entristecido. Fui ter com um padre amigo meu, o que sobrou de tantas amizades.

No início de nossa conversa senti restrição afetiva, parecendo-me ser eu um estranho. Parecia dizer-me: que queres tu de mim, se estamos em lugares diferentes? Minhas palavras surgiram arrastando-se de minha garganta. Vi o quanto dói não se reconhecer generosamente nos próprios sentimentos. Aos poucos, desanuviou-se o tempo, fluindo um diálogo interessante.

— Pois bem, Miguel, vim pra pedir seu entendimento sobre o que me acontece. Fico pensando sobre a decisão já tomada. Se foi o que queria, qual a razão de eu estar silencioso e triste como uma abóbora?

— Caro Artêmio, não é fácil deixar tua alma quieta em torno dos sonhos que sempre te moveram. As celebrações, a solidariedade de teus projetos e as pessoas envolvidas, o apoio de teus fiéis, a expectativa de teus familiares, as conversas com teus colegas, as orações serenas constituíam a tua comunicação. O universo de teu sacerdócio era largo e fecundo. E agora? A casa e Isabel parecem pouco pelo que havia. Mas, Artêmio, a universidade não oferece mais espaço de diálogo?

— Compreendo, Miguel, o que me aflige. A universidade não é um lugar de férteis amizades. Está mais pra luta de poder, em nome da ciência, a exemplo das religiões, em nome da fé. É um lugar de poucas convergências. Mais está pra competição que pra união. Não existem conversas de encher o coração. Estou querendo me aposentar, pois não vejo aí um grande sentido.

— Por favor, Artêmio, não faça isso sem ter mais o que fazer. Busque, ao menos, um trabalho imaterial, isto é, do qual você seja o autor,

o empreendedor. Tenho minhas pastorais, das quais você era um incentivador. Que lhe parece?

— Tudo bem! Vou ver pra onde vou me dirigir.

Ao chegar em casa Artêmio surpreendeu-se com a curiosidade de Isabel sobre a visita realizada. Viu sombras nos olhos dela à medida que falava. O rosto dela revelava mágoa inarredável. Por mais que procurasse esconder, não conseguia. Um diálogo doído perpassou os dois.

— Pensei que pudesse ter em mim um lugar pra depositar tua angústia, falou Isabel com voz entrecortada.

— Não queria te incomodar, Isabel.

— Como já te falei, estou estudando muito sobre aconselhamento pastoral. É verdade sou apenas uma professora de ensino primário, mas sou sua mulher e nada me espanta. Quero dizer, Artêmio, que sou capaz de suportar qualquer agravo e até poder pensar junto a aflição que te devora. Estou seriamente pensando em me tornar pastora.

— Desculpe, quem sabe até possa me associar na ideia de pastorear junto com teu rebanho.

— Vamos ver. Ainda não estou certa do que quero, mas podemos juntos encontrar um destino melhor pra sua alma um tanto fechada e proibida de se desvelar enquanto casado. É pena que tua vocação esteja reprimida por causa de mim.

— Não se sinta culpada.

— Não me culpo. Apenas lastimo que tua Igreja ainda esteja tão míope. Assumi de todo coração e de toda minha razão a tua vida. E parece que a mulher pode bem mais suportar e sustentar as dores de uma casa. Estou aqui e podemos encontrar uma comunicação que compense as tuas perdas. Agora vá ver nosso jardim. Plantei algumas folhagens. Espero que sejam de teu agrado.

Silencioso, retirou-se, vendo de perto com quem deixava a sua alma de outro jeito. Pensando entre as folhagens, via o quanto estava aprendendo com uma mulher do tamanho de Isabel. Aí, entre ramos diferentes, viu de perto o quanto, na intimidade dos verdes, havia um cotidiano a ser aprendido. Tirou a grande lição. Uma nova comunicação suplicava sua palavra. Suas correrias sacerdotais não lhe haviam deixado ver as pequenas coisas da terra. Olhos alçados ao alto inibiam a vibração de plantas, aves e insetos. Decifrava que a mulher, bem mais que a fortaleza masculina, suportava sem receio os estremecimentos e feridas. Via o quanto aprendia entre os limites de uma casa. Percebia a solidão como fruto de sua inaptidão para ver. A ocupação de seu tempo passou a ter outros conteúdos e sem os apelos do reconhecimento. Por se afastar pouco de sua casa, começou a somar interesses, sem o vigor social. Os cantos, assoalho, gavetas, portas, escadas e o que até então não era mais que meros objetos sem importância, começou a ter sua forma e linguagem.

Uma pastora

"As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja." (1Co 14:34-35) A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. (1ti 2:11-12).

Artêmio, por brincadeira, pôs sobre a cômoda os textos de Paulo, querendo ver a reação de sua amada. Em resposta obteve palavras reveladoras de um caráter firme e disposto a causar uma revolução sobre certos costumes evangélicos.

Por favor, querido, não me ponha num tempo que não me pertence. O tempo de calar as mulheres já passou. Entendo que se deve selecionar o que foi dito por Paulo e, mesmo o que foi dito em Cristo. Muito menos aceito o que Lutero afirmava sobre as mulheres. *A palavra e os trabalhos de Deus são muito claros, que as mulheres foram criadas para ser esposas ou prostitutas.* A minha luta é argumentar, não preceituar com base numa fé irreparável. Ponho meu coração onde minha razão me puser. Lutero, Paulo e Cristo se moveram num tempo histórico cheio de exclusões. Por certo, nenhum deles estava livre de preconceitos. Se assim não fosse, Cristo teria escolhido alguma mulher para fazer parte de sua companhia. Não o fez movido pela miséria dos costumes que o limitavam. Todavia, muito mais disse sobre a dignidade feminina. E é bem possível que tenha expressado ideias que seus discípulos não compreenderam. Tomo a liberdade de repensar o que foi traduzido de Cristo, negando o que disseram Paulo e Lutero. Proponho uma luta contra a violência. Possivelmente, pior que todos os genocídios foi a negação da dignidade e até da humanidade feminina e de outros excluídos. Mal sabemos o quanto ainda estamos cheios da morte que se faz sobre as

mulheres, velhos e todas as formas de vida que ainda não puderam se expressar. O cristianismo ainda não foi descoberto em sua melhor forma. A ética cristã ainda não se esgotou. Assim como a ciência não se expressou na interpretação dos melhores conceitos e das melhores técnicas, a solidariedade cristã não chegou à metade de seu caminho.

Querido Artêmio, a tua brincadeira me provocou. Sei de tua grandeza levando-me a pensar cada vez mais em mim. Te quero por meu companheiro na solidariedade e no amor absoluto que nos envolve.

Vou me dedicar ainda mais aos estudos cristãos e minha teologia vai primar pela emancipação humana lá onde é necessário afastar a dor social e pessoal. Provocarei entendimentos sinceros na família, ampliando a solidariedade. O que fazer com o amor que se estende por anos e anos e começa a se tornar de pouco vigor, não dando nem para sustentar um suspiro? E mais grave ainda, pelas rápidas observações, percebo em muitos casais longevos um silêncio, rumores de revolta e violência. O que fazer com as mulheres cuidadoras que silenciam cada dia mais? Minha pregação terá vigor especial ao tratar da violência das casas e do silêncio político em torno de velhos sem vínculos de proteção. Farei momentos de encontros para meditações e contemplação. Aí, querido Artêmio, vou contigo para onde mandar nosso coração sensível. Não vamos levar uma paz que tudo suporta e tudo desculpa. Faremos pactos com toda situação de ameaça, buscando gerar novos discursos e uma nova ética.

Meu amor, não te parece que estou muito teórica? Quero apenas gerar a ternura e o diálogo onde haja constrangimento. Minhas palavras vão conhecer a realidade e respeitá-la. Vou, como Spinoza, me aplicar escrupulosamente para não zombar ou maldizer, mas para compreender as ações humanas, exercitando-me e fazendo exercitar os valores que deixam a alma leve e aqueles que apelam para a renovação de costumes lá onde o sofrimento não for visto ou empurrado pra debaixo do tapete. Farei de tudo para minha casa ter um homem feliz e, se ainda suportar o

choro de uma criança, vou ser uma mãe carinhosa e grata por quem me engravidou.

Passado cinco anos, dois eventos puderam ser celebrados: nada na vida de Artêmio foi tão emocionante quanto tomar nas mãos sua filha. Nem ao menos quando erguia, em sua fé, o Salvador transformado em pão, sentia tanto o efeito do infinito. Sabia que aí estava um ser pequeno, de todos abandonado, se não fosse ele e Isabel garantirem todos os sentidos que um ser humano pode ter. Uma garotinha entre lágrimas e logo protegida junto aos seios de Isabel. Outro evento foi o reconhecimento dos estudos e a celebração do múnus de pastora para Isabel, a mulher de Deus.

A comunidade religiosa de Isabel, compunha-se de fiéis da classe média, feitos de bondades e de esforços. Não perdiam culto e adoravam estar juntos. Por serem poucos, dividiam suas horas de encontros semelhantes aos da Igreja primitiva. Estavam satisfeitos com a pastora. Artêmio começou a gostar de acompanhá-la e à pastorinha, sua filha. A cuidadora do pequeno rebanho andava feliz. Ele já se acostumara a estar secundando os atos do culto. Não se metia onde não era chamado, nem palpitava sobre a profundidade cristã da palavra que Isabel oferecia de graça aos seus fiéis. Revoltava-se com as revoltas da mulher, amaldiçoava o mal e abençoava a todos que o cumprimentavam. Declinava de qualquer autoridade, engrandecendo a nobreza e o esforço de sua amada e gentil senhora. Não ambicionava mais que estar de bom companheiro e de bom pai. Ajudava nas iniciativas de solidariedade. Frequentava todas as semanas um asilo. Não falava mais tanto, ouvindo com respeito os gemidos e retribuindo os sorrisos de boa parte das velhas dementes. Acompanhava seus alunos da universidade ouvindo os vividos de muitos deles e falando a outros que, se nada entendiam, apreciavam as múrmuras vozes dos jovens que lhes dirigiam a palavra. O antigo senhor de movimentos rápidos e decididos dava lugar a um velho sereno, mas meio apagado. Certa noite, em sonhos incertos sentiu-se soçobrar no meio de vagalhões. Acordou-se suando em bicas. Isabel socorreu-o secando

seu corpo molhado e trêmulo. Viu que as costelas de seu homem apareciam e que as costas estavam dobradas. Reparou que oito anos de vida em comum haviam deixado seu homem com saudades do que fora.

Por essa e outras razões o homem de Isabel resolveu escrever sua confissão.

Confissões de Artêmio

Estou perdendo a graça. Tenho motivos pra sonhar meu sonho desesperado. Poderei brincar comigo feito o filme a Vida é bela: por todos os lados o horror se impõe, mas urge minimizá-lo. Vou brincar com tudo que me acontece, associando a minha quietude ao rir de mim mesmo. Sonho minha angústia com modos de sinceridade, revelando o que oculto na vigília. Assim ó: enfiado de uma visita digo: fique mais um pouco. Negando o que fui, digo que estou livre dos pesos de outrora. Com os disfarces de estar bem, alívio minha negação. Rio com um copo de vinho e digo que o sermão de Isabel está perfeito. Os velhos chavões metem insatisfação. Parece que os pregadores são como os dementes, repetem as mesmas coisas, e que coisas!, achando que nunca disseram. Bem que veio minha pequena Bernardete me dizendo: papai quer chorar? Respondi não: apenas um cisco no olho. Tropecei e me derribei como um saco, e a pequena ria de meu jeito molengão. As queixas de Isabel: você comparece pouco e onde foram parar os beijos de dez anos atrás? Rio de minha inaptidão.

A zelosa pastora pregadora pra tantas almas não levava jeito de animar aquele corpo que se encolhia. Artêmio, cheio de mau humor, chegou a pensar: desse jeito se encolhe que é para caber onde o puserem. Enquanto rolava esse desafeto todo, Isabel buscava o meio necessário para fazê-lo deslumbrar-se diante de suas coisas. O cotidiano que aprendera a ter tão reverente não mais o encantava. As flores e as folhagens, se Isabel não regasse, morreriam. Não mais reparava no assoalho nem nas diversos ângulos das portas e janelas. As gramas se enchiam de rosetas e de outras ervas daninhas.

A primeira proposição animadora de Isabel foi renovar as cerimônias do culto dominical. Pensou em convidar Artêmio pra que pudesse fazer, em assembleia, a comunhão, semelhante a dos católicos.

Determinada a não viver com um homem que está se acabando sem devoção, foi levar a notícia.

— Artêmio, poderia me ajudar na cerimônia dos domingos e trazer pra gente a comunhão mais ou menos do jeito dos católicos.

— Vou pensar no assunto. Vou ver um jeito de celebrar, mesmo que não acreditem em transubstanciação. Ultimamente, eu, quando celebrava, tinha minhas dúvidas a respeito de como aí se apresentava um corpo vivo. Minha fé já diminuía.

— Faz isso pra mim, meu bem!

Volto ao meu esconderijo silencioso. Se, como dizem, a comunicação é importante, vos digo que o silêncio e a escrita se casam como uma linguagem particular. Se com os outros se busca reconhecer acertos e erros, nos sentimentos e paixões, quando escrevo, me vejo como num espelho. Minha figura apresenta-se rica e mais livre, ainda louca, mas com a pretensão de entender-se. Pouco se me preocupam a beleza, a ética e a verdade. Vou soltando os cachorros.

Pois bem, ela me pediu que preparasse a comunhão. Pensei desde logo em Nossa Senhora. Quem comunga com um filho, necessariamente comunga com a mãe dele, pois ele carrega a imortalidade da mãe, uma vez que toda a cultura, sentimentos de medos e glórias passam pela tradução materna. Todos os espíritos maternos se reúnem no filho. A verdade, revestida de todos os argumentos e consensos, concorda com o pensamento de que a voz materna realiza as primeiras inscrições. O tamanho do corpo e da alma tem a simetria de onde foi gerado. Mas não é disso que vou falar. Pouco importa se falo ou não: pelo filho vão se nutrir da mãe, quer queiram, ou não. Falo, então, apenas do filho. Em assembleia poderíamos recitar sobre os pães trazidos das casas: Tomai e comei, isto é meu corpo, fazei isso em memória de mim. Depois a pastora ou qualquer fiel poderá reeditar o pensamento que diz: no pão residem a ideia, o sentimento e a vontade de nossa solidariedade. No pão se manifesta o corpo de Cristo, sinal de termos em

nossas casas e aqui a sagrada presença de Deus. Levemos o pão para a intimidade de nossas salas e para a intimidade de quem amamos. Que pelo corpo invocado de Deus não nos falem a bondade, a justiça e o conhecimento. E para lembrar comamos desse pão que agora será dado em comunhão. Me deu uma vontade doida de acrescentar. O jeito que quiser Dele se apresentar nesse pão pouco se me dá. Importa o que fazemos com o pão, que pode ser alimento ou sinal evidente de toda virtude cristã. O que Deus faz com um pedaço de pão é com ele, o que importa é o que nós fazemos dele. Me deu uma vontade grande também de chorar por ver o quanto a gente carece de proteção. Metemos a Deus num pão, que é coisa que sai das pedras quentes, de sementes e de água. Que esteja ele tão perto e em realidade tão simples pra que faça parte de nossa evidente fraqueza. Que a gente possa tomá-lo nas mãos e morder tendo certeza de que não estamos a sós.

Depois mostrei pra Isabel meu engenho religioso. Concordou. Solicitou que eu presidisse a cerimônia. E foi pela primeira vez depois de meu afastamento, lá iam dez anos, e eu, nos meus chegados setenta. À medida da celebração do pão me sentia cada vez mais exultante. Ao entregar o pão invocado repetia convicto: tome a presença do Senhor e não deixe ele só. Os dias se passaram e em lugar bem posto nas casas dos fiéis tomavam um pedaço pelo café da manhã, reconhecendo nos pedaços partidos o sentido da solidariedade. Domingos seguintes confirmavam que a cerimônia caseira dava conta de assumirem as atividades com certa reverência e em diferentes circunstâncias. As virtudes da concentração, da amizade, da bondade, da alegria, da ternura e outros movimentos da alma mostravam a generosidade do pão onde acreditavam residir o Deus que entrava pelo sangue, diminuindo as patologias recorrentes.

Isabel começou a perceber um aumento de fiéis em sua igreja, o que a levou a se preocupar com o bom atendimento. Começou a investigar a razão do sucesso religioso e confirmou-se o que ainda era desconfiança. A maioria dos fiéis buscava o pão consagrado pela comunidade. A crença

na presença verdadeira de Deus e o ato de comer do pão começaram a ter resultados. A força das palavras durante a cerimônia e o forte sinal sagrado do pão entusiasmvavam a todos. Vendo que tudo corria tão bem, Isabel apelou pra que Artêmio pensasse sobre o seu entendimento a respeito do que é necessário para as pessoas terem mais clareza da sua condição religiosa. Começou, então, a refletir sobre a necessidade da proteção.

É bem isso que imagino: ninguém fica sem proteção. E hoje facilmente ficamos desorientados com as ameaças que nos cercam. O mal não é como um leão que ruge, é mais insidioso, ou seja, os convites parecem inofensivos. Um cordeiro vestido de lobo. Figuras e mais figuras se entrelaçam em certas afirmações de despudor: as camisinhas... como se sexo fosse algo a ser usado ao modo de quem come cueca virada ou um xis, bastando cuidar da higiene. A traição, como se todos fossem liberados de seus compromissos. A leviandade dos corruptos, como se pudessem sê-lo. O ambiente devastado de forma impune...

O que quero dizer na primeira meditação é sobre a necessidade de proteção. Estamos loucos pra ter uma casa segura, onde possamos dormir em paz. Pequena que seja, mas forte como uma mãe. É então que entro com o que mais de tudo eu quero dizer. Temos medo porque estamos muito sozinhos. Agora que levamos pra nossas casas um pedaço de pão e o comemos incitando nossa fé a que tenhamos Deus em nosso sangue, sentimos um certo alívio. Ficamos contentes porque um ser divino, forte e competente está em nós, deixando-nos fortes como um soldado romano. Buenas! Mais ou menos assim eu vou falar.

O mal, entretanto, parece um diabinho ou, pela feiúra, um diabo, sem tirar nem pôr. Mete o tridente lá onde poderia morar a serenidade. A primeira a sentir na carne os espetos do tridente foi Isabel. Justo dentro de uma escola. Artêmio abriu a conversa entre as lágrimas de Isabel.

— O que tem minha pastora que chora?

— Não dá pra acreditar... acho que o diabo anda solto... é muita violência! Me pergunto se é verdade... meus ouvidos não se enganaram.

— Algo com nossa Bernardete?

— Não, ela ainda está livre disso... ao menos por enquanto.

— Fala que me assusta desse jeito!

— Conversava na hora do recreio da escola, quando veio uma professora de tua santa madre Igreja e quase me esfolou com a língua. Acredite se quiser... perguntou sibilando... se a minha religião deu pra roubar fiéis. Eu disse que apenas queremos celebrar o amor em paz. Não competimos com ninguém. Me controlei, mas o insulto me rebentou!

— Não se incomode por tão pouco. Podes crer que não é a opinião de minha santa madre Igreja. Vivemos um tempo de ecumenismo. Sempre existem neuróticos. Lembra-se de uma de tuas fiéis que parece que tem o diabo no corpo de tão brava que é? O marido dela veio me dizer que nem o pão consagrado que ela come diminui a irritação. Tem gente que deve tomar vacina contra a raiva. Esquece, querida.

Maior consolo veio de Bernardete, em seus dez anos, ao trazer um pedaço do pão guardado em panos brancos.

— Mãe, eu te dou a paz, eu te deixo a paz. To fazendo o que a senhora faz comigo quando fico braba. Não foi a senhora que disse que temos um biabinho. Acho que ele está com raiva dentro da senhora.

— Esquece, filhinha, agora já passou. O mundo, às vezes, anda de um jeito que vou te contar. É bom pôr a cabeça no colo de Deus.

— Filhinha, interferiu o pai, lembro de uma oração da minha santa madre igreja, como diz tua mãe. A velha senhora, minha santa e pecadora Igreja, errou muito no tempo de Lutero, mas se arrependeu. O que eu quero é dizer uma oração que repetia muito quando rezava: *acendei a luz nos sentidos; insuflai o amor nos corações, amparai na constante virtude a nossa carne enfraquecida.*

— Pai, o que é na constante virtude?

— É ter a bondade, o cuidado e, no caso de tua mãe, o respeito porque a carne enfraquecida quer dizer que podemos ter raiva, medo e querer a vingança, mas pra segurar esses diabinhos é preciso as constantes virtudes da bondade e outras mais. E os sentidos devem estar atentos pra não perder nada. Isso a gente consegue com a repetição de atos bons, como esse de tua mãe perdoar a professora que disse bobagens pra ela.

As lutas de Artêmio

Três foram as lutas muito particulares de Artêmio. A adolescência de Bernardete, os velhos desentendimentos com a santa madre Igreja, e o que é de pasmar: a bipolaridade tardia de Isabel. Meu Deus, às vezes, a natureza mostra uns troços de assustar.

Quem pensa que a alma é poderosa, se enche de dúvidas quando chega a adolescência, falou Artêmio pra Isabel. Em poucos dias a garota se prendeu a reclamar de tudo. Pior foi a hora quando xingou: tenho vergonha de vocês, todo mundo faz gozação: ali está a filha do padre e da pastora, uma santinha. Fico furiosa com isso. Preferia ter nascido de uma família pobre, burra e marginal do que viver dentro de uma casa que eu tinha como santa. O pai, que andou por dois anos triste que só vendo, e a mãe, que anda gastando o que não pode. A santidade tão grande que pregam parece que não entrou nessa casa. Tenho até vontade de cheirar pra todo mundo saber que de santa não tenho nada.

Depois dessa gritaria se pôs a soluçar sem controle. Artêmio chegou-se perto e nada falou. Passada uma hora, enfiada no seu quarto, o pai bateu à porta e falou com voz forte: escute, minha filha, não se importe tanto com teu pai e tua mãe. O que importa é você e o que faz da tua vida. Você é mais você que a opinião de tuas amigas e até mais que teu pai e tua mãe.

Meia hora depois veio Isabel e chamou-a... que não podia se atrasar para sua aula de inglês. Passaram-se muitos dias depois do destempero dela.

Outros destemperos se sucederam, até que veio uma solicitação da diretoria pra Isabel e Artêmio se apresentarem na escola. O diretor, evangélico da Igreja de Isabel, primeiro conversou sobre um culto que pretendiam realizar na escola. Isabel aceitou reticente, dizendo que a filha

poderia entender a celebração com certo constrangimento perante os colegas. O diretor contrapôs o argumento de Isabel.

— Vejam, vocês, que ela brigou com um menino da idade dela quando alguém a chamou de santinha. Falei com a turma dela. Não podemos nos intimidar e ela deve saber que nem sempre a vida é fácil. Não admito que meus alunos se sintam ameaçados pelas opções religiosas ou quaisquer outras que tiverem, desde que não firam os direitos dos outros. Já falei com o vigário também pra estar conosco nessa celebração e estou vendo gente de outras crenças pra estar com a gente.

— Está certo, continuou Artêmio, cada qual com sua fé, mas deixe que primeiro falemos com Bernardete. O que acha, Isabel?

— Concordo em celebrar e, mesmo se ela não aceitar, faremos o culto. A nossa filha sabe que não renunciamos a nossos valores, não importa a opinião dos outros. Vamos dizer a ela primeiro, mas apenas para que saiba por nossa boca que vamos até sua escola.

Assim que Bernardete chegou em casa, foram ter com ela. Ouviram poucas e boas. Até o momento em que Bernardete falou que o pão que comiam era apenas ilusão. De nada aquilo ajudava pra que se peercebece melhor. Se sentia ainda ofendida com tudo. Ambos foram incisivos ao dizerem que respeitavam a opinião dela. Poderia até duvidar deles, mas não poderia duvidar da boa vontade deles.

— Tá bem, tá bem, a mãe pode fazer o culto dela, mas me deixem de fora.

— Não fique preocupada. Se não quiser ir à celebração, pode ficar em casa. Gostaríamos muito que estivesse junto, mas ninguém vai cobrar nada de ti se optar por não ir.

As coisas da casa foram se amenizando. Artêmio desconfiou de que os medos, as raivas, passavam devagar, dando lugar ao bom senso, quando uma tarde Bernardete perguntou ao pai sobre o que era a verdade. Ele apenas respondeu: filha, a verdade tem o costume de não aparecer

por inteiro. Ela sempre depende dos bons sentimentos e das ideias bem convincentes de quem fala. Certo é que não costuma andar sozinha.

Essa tal de extrema sensibilidade de Bernardete era também observada em muitos idosos. Puxa!, pensava consigo Artêmio, parece haver uma grave defesa das pessoas quando se sentem sem muito destino.

Mas não era só a filha que fazia Artêmio perder o sono. Brincava dizendo que, por se fechar em uma casa, encontrara a maior intimidade do ser humano. E aí coisas de assustar. Escreveu em seu diário de notícias íntimas e passageiras.

É verdade, por mais que se queira ocultar, a alma possui movimentos erráticos. Por mais que se vistam com togas de todas as cores, e arminhos fofos, parecendo raposas gordas ou animais de diversas plumagens, os reis, juízes, ministros e bispos não conseguem ocultar a fugacidade e duvidosa autoridade. Gritam alto querendo convencer, principalmente quando não têm muita certeza. Estou fazendo volta pra dizer que minha querida Isabel, ainda que fale como a língua dos anjos e ame com toda graça divina, apresenta suas falhas de arrepiar. O que se oculta nas circunvoluções do cérebro é coisa de assustar. Pois bem, vou ao assunto. Isabel volta e meia é atacada por espíritos animais que tomam conta de sua modéstia. Vai às lojas e vai mandando abaixar roupas necessárias, e a maioria, desnecessária. Chega com aquelas braçadas de roupas sem propósito. Ao inquiri-la, começa a chorar ou, ainda do alto de sua frágil onipotência, diz que é pouco perto do que queria gastar. Depois vem com aquela cara de criança chorosa, pedindo perdão. Não sei que imaginação ou instinto devora por horas o bom senso. Brinco: certas mulheres, nas lojas de roupas e calçados, esquecem de Deus, dos maridos, dos filhos, e são dominadas pela soberba, achando-se possuídas de grande autoridade, vendo-se belas, ninfas divinas. Achei que era demais o que estava acontecendo com Isabel no dia em que retirou uma quantia de dinheiro da coleta. Final da história, coube a mim repor o

dinheiro. Foi então que solicitei que fosse até um psiquiatra para dominar aqueles impulsos. Do que nosso pão abençoado não dá conta, que a natureza, posta num medicamento, que é outra mão abençoada de Deus, faça a sua parte. Assim foi e estavam a salvo os recursos da professora, da coleta e os meus parques dinheiros. Bernardete, atilada como sempre, não perdeu de dar uma agulhada na mãe: mas bá tche!, disse a garota, a pastora anda comendo o pasto das ovelhas. Nunca vi tanto sofrimento no rosto de alguém. Uma lágrima enorme povoou o rosto afável de Isabel. Passei por Bernardete e disse: pegou pesado, Bernardete! Vai dar um abraço nela. Ouvi ainda a mãe falar: vou matar a pauladas esse diabo, minha filha!

A milha velhice já vai adiantada e meus pequenos discursos, cada vez mais breves. Lembro um sobre a velocidade de nosso tempo. Apelei para o Antigo Testamento: Quanto ao homem, os seus dias são como a erva; como a flor do campo, assim ele floresce. Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais. Pouco menos é a vida que um sopro na taquara, e fustigamos nosso cavalinho pra outra paragem, que ainda se desenha desconhecida. Não comungo da ideia de tudo parecer como aqui; seria pouca imaginação do Senhor, que é tão fértil em suas invenções. Silenciosa é a hora daqueles que partem e nada mais respondem, por isso desdobremos cada instante com grande estremecimento. De nada vale a grande esperança se não sabemos o que fazer com o trivial. Faremos, quando menos se espera, parte dos peregrinos do silêncio. Remotas serão as lembranças de nós, ficando uma ternura pendente como uma lágrima que secou. Eia, pois, gente que mal cabe nessa igreja, vamos adiante, renovando o que nos pertence. Não vale a pena andar de cima para baixo como frangos que vão morrer. Lembremos que o tempo é um tempo de Deus.

Havia falado mais ou menos isso quando alguém pôs as mãos em meus ombros e diz que quer falar comigo. Reconheço que é o padre José.

— Posso falar contigo?, disse ele.

— Com muito prazer. Ué, estranho te encontrar aqui.

— Vim ver com meus olhos o que dizem.

— E o que dizem, José?

— Vejo quase uma perfeita missa, e hoje apenas em tua igreja todos os espaços estão ocupados.

— Faz tempo que não frequento a sua, padre José.

— É disso que eu quero falar. Volte pra ela.

— Ninguém me convidou mais. Bem que apreciaria ter dado continuidade à minha vocação, mas parece ainda que a Igreja entende ser a mulher um impedimento pra santidade. Bem que poderia encontrar um caminho menos patológico que este de se fechar por tantos séculos. Acho que é tempo de a santa madre Igreja converter-se ao tempo e reconhecer a dignidade feminina. A palavra de Deus não pode fugir dos apelos e nem Deus, por certo, concordaria com a exclusão das mulheres, imitando ainda São Paulo em sua tosca interpretação.

— Não vou por em discussão esse tema, Artêmio. Mas pelo que vejo, ela perde tanto que dá pena ver que se desvia do melhor caminho. E depois, como alguém já falou, não existe nenhuma razão teológica de peso para manter o celibato, para proibir que padres se casem ou que irmãs celebrem missa. Mesmo eu, nos meus já adiantados oitenta, quereria experimentar a intimidade de uma casa e, mais que tudo, a intimidade de uma mulher. O meu diálogo com a vida parece incompleto. Ma poverelo di me, mal sustento com minha teologia a mim mesmo. Não sou capaz de dizer nada mais que um pouco de santas palavras. E disso não tiro nem uma crosta de pão.

— Acho que a Igreja se equivoca muito por falta de criatividade. O que João Paulo II diz, pode ser dito para a Igreja. Converter-nos quer dizer dar conta também das nossas negligências e pecados, pusilanimidade, falta de fé e de esperança, e de pensar somente à maneira humana, e não

à divina. Acho que é tempo de rever certas decisões ou, pelo menos, ser capaz de modificar-se em parte.

— O diálogo com o mundo parece oportuno. Se não for assim os fiéis católicos serão tão poucos que ficaremos de catedrais vazias, servindo apenas para os turistas.

Padre José foi o início da preocupação de Artêmio com seu relacionamento com a sua Igreja. O sucesso da igreja de Isabel começou a intrigar e a irritar outros pastores e padres. Havia um novo fervor se expandindo. Um novo ânimo religioso. Os fiéis buscavam novas palavras e motivações. O assunto tomou um rumo pouco agradável. O senhor bispo veio discutir de forma aberta e sincera o inconveniente de andarem se debatendo cada qual com seu poder. Não havia nenhuma razão para não comungarem do mesmo espírito e da mesma profissão de fé. Não podemos ser motivo de riso e de maior descrença do amor se continuarmos a virar as costas um para outro.

Isabel instou ao bispo se ele, de fato, estaria disposto a reunir o que andava disperso por mais de cinco séculos. Não estaria ele levando adiante um protagonismo para depois não ser capaz de sustentá-lo? Em que termos se aproximariam? Apenas nas celebrações? Conversei com meu conselho e ficou acertado que poderíamos ter uma só catedral para estarmos reunidos todos os domingos. Com humildade falou: estamos com pouco temor de Deus e menos amor. Sou da crença de que podemos minimizar as diferenças. Sei que ainda estamos avessos ao casamento de padres e a uma presença mais relevante das mulheres. Não é o meu pensamento. Não tenho poder, porém, para criar um caso, mas tenho autoridade pra consumir um novo destino na união das Igrejas. Não sou de retirar a autoridade de ninguém. Cada Igreja poderá seguir a sua tradição.

O gesto humilde do bispo rendeu fortes críticas a Artêmio e ao próprio bispo. Todos os acusadores do padre e do bispo viam ameaça posta sobre a santa madre Igreja e sobre a comunidade de Isabel. Artêmio

envelhecia a olhos vistos no meio da virulência. Repetia: mas que coisa é essa de haver mais ódio que se possa imaginar no meio das Igrejas? Os padres mais tradicionalistas sustentavam um discurso cheio de facas, espadas, garruchas e outras armas brancas e de fogo. O mesmo acontecia com as comunidades evangélicas, cada qual resistindo em sua tradição. Havia os temores do desconhecido e, por isso, desqualificava-se a tentativa de Isabel e de Artêmio. Telefonemas e cartas anônimas começaram a habitar a solidão dos dois.

Meu Deus, escrevia Artêmio, com que facilidade a brutalidade humana se revela. Velhos temores rebentam como ondas. A razão se esfumaça. Coisa terrível é essa de haver tanta perversidade. Revelou-se de forma dura a velha irracionalidade quando duas pedras quebraram o pequeno vitral da igrejainha evangélica de Isabel.

Não haviam se passado dois meses e novamente o bispo veio visitá-los. Estava exausto e inconformado. A renovação de nossos costumes religiosos e a pretensão de uma virtude reconciliadora não podem ser viabilizadas. Os teólogos e as autoridades maiores não conseguem conciliar a tentativa proposta. Em nome da paz, as nossas intenções devem voltar ao pó. Isso não significa que eu pessoalmente não venha celebrar eventualmente a eucaristia com vocês. Pois é, senhor bispo, a verdade e o bem parecem estar condicionadas na história, não em nossas intenções, concluiu Artêmio.

O difícil regresso

Ninguém é obrigado a tomar uma decisão e a seguir por ela como se fosse uma mula. Artêmio levantou-se de manhã com essa ideia. Dizia convicto: é tempo de mudar novamente. Veio-lhe o desejo de ser padre em toda a extensão. Tinha na alma, com um sinete, a marca do sacerdócio. Um sinal indelével. Não teria o direito de assumir novamente seu múnus e mostrar seu poder de repetir os mesmos gestos e palavras de outrora? É um direito de ir e vir, argumentava. Era marido, mas a função masculina ficara muito comprometida. Retiraram-lhe a próstata, mas, por falta de delicadeza ou, seja lá, de destreza, estragaram em parte seu desejo. Amava Isabel, e a pastora amava-o, sem dúvidas. Ambos conviviam na maior reciprocidade e cuidados. Bernardete não constituía qualquer impedimento, uma vez que casara com um homem bem afortunado e de algumas virtudes essenciais para sustentar a intimidade sem grandes sustos. Isso fazia com que crescesse a liberdade do religioso casal.

Artêmio continuava a dizer sua palavra em breves sermões. Ninguém esquecerá o último: é pena que nós costumamos fechar as portas para tanta graça. Vocês já ouviram falar daqueles que passam ao largo de museus e pinacotecas? Lá estão quadros muito ricos esperando olhares atentos. Ainda assim, as pessoas se fecham em suas preocupações. Estão fechadas em suas cavernas, cegas pela estreita humanidade cultivada. Nasce a primavera e muitos não notam que o inverso já passou. As pessoas de casa mudam, e mudam muito, e os mais íntimos não percebem as diferenças. Andamos pela vida e sempre no mesmo tranco, muitas vezes até mais lentos e mais cansados. Sempre pelas mesmas estradas ou porque não nos deixam ver outras paisagens, ou porque nos acostumamos com a estreita visão. Ou, se lhes aparece uma forma nova, não a reconhecem, afirmando ser tudo a mesma coisa. Ora não temos recursos de alma para prover melhor a vida, ora o

ambiente não tem disposições para receber os nossos recursos. Lembro o campo de concentração de Sobibór. Com muito cuidado foi preparada a fuga dos prisioneiros judeus. Quando os portões se abriram, muitos ficaram parados em seus lugares, acostumados à submissão. Pois bem, existem costumes que matam tanto as instituições como as pessoas. E o pior é que muitos costumes são entendidos como virtudes. Olhemos para os costumes das Igrejas, caladas em seus cantos. Olhemos para nosso amor de tantos anos, encolhendo-nos na indiferença. Vejamos as formas de lidar com a pobreza. Damos o pão, mas não ensinamos a semear.

Artêmio falava desse jeito pensando em si mesmo. Parecia adivinhar o que lhe aconteceria. Os apelos do sacerdócio tornavam-se uma obsessão. Um psicólogo evangélico afirmou que se produzia nele uma neurose obsessivo-compulsiva. Um pastor quase o convenceu de que restavam resquícios de culpa por ter abandonado a entrega anterior. Outro mais atilado propôs a separação, uma vez que poderia haver um profundo conflito em seu inconsciente entre a castidade professada e seus últimos anos de intimidade. Conformava-se: de tudo podem ser dadas diferentes explicações. Artêmio preferiu, entretanto, avaliar seu novo desejo de forma mais simples. Pode ser até que velhos tenham comportamentos regressivos, pouco se me dá, confabulava: quero ver novamente de perto meu poder, retomando plenamente minha qualidade sacerdotal. O seu desejo foi avançando como as antigas carruagens, rápidas e fazendo poeira. Da vizinhança de suas relações até a catedral moveram-se entendimentos os mais diversos. Diálogos curtos e longos, palavras concordantes e discordantes, generosas e maldosas. Enfim, de tudo um pouco quando a coisa se trata de novidade. Desde: acho que o velho não dá mais no couro, até o que ainda quer se a voz lhe sai como um pequeno jorro. É coisa de velho, andar pra trás. Outros mais positivos e contrariamente: está aí um tempo de novas decisões. Assim é que se faz a velhice: dando um tombo nas tradições. Está na hora de superar esse discurso das essências: nós somos seres de rompimentos e de múltiplas faces. Chega de imposições sobre as soluções absolutas para

tudo. Saía de tudo. De pouco resolviam os comentários. Artêmio começou a buscar os caminhos para satisfazer aos seus anseios sacerdotais.

Isabel sabia que se moviam águas fortes, torrentes no peito de seu homem, ainda que ofendidas as partes masculinas. Se o desejo da carne está comprometido, o da alma não é cerceado, refletia o velho, que queria retomar o que deixara há mais de vinte anos.

Me custa dizer de meus pensamentos pra Isabel. Me encho de dúvidas, uma vez que não sei da validade e da maneira de revelar meus propósitos. Quem há de saber dos melhores caminhos? Vou dizer que me proponho a estar com ela todos os dias de minha vida, mas de forma casta, já que andam pelas beiradas as forças do corpo. Acredito que não se oporá, uma vez que comunga também da religiosidade e da solidariedade, e, depois, não perderá grande coisa. Vou tomar fôlego e falar-lhe. Coisa mais complicada ainda, acredito, será ter autorização da Igreja, uma vez que não pretendo sair de casa.

Meu Deus, certos temores há tempo deveriam estar abandonados. É bem isso que eu digo: a liberdade é o poder de afastar obstáculos em face de nossos interesses. Nesse caso, meu poder anda pequeno, mas não desisto de fazer tudo para atender ao clamor de minha alma. Foi um sufoco casar, e como será para obter a liberdade de retomar a vida eclesial? Nunca imaginei que a prática da santidade fosse tão complicada. Vou tomar fôlego e falar com o senhor bispo. Vou amanhar primeiro o chão caseiro.

A conversa com Isabel mostrou-se frustrante em seu início, entretanto menos resistente que o esperado.

— Estou refletindo sobre a possibilidade de retomar meu ofício de padre sem deixar que nosso amor fique esquecido.

— Já desconfiava de que algo de grave estaria ocorrendo.

— Será tão grave, querida?

— E ainda pode me chamar de querida?

— Te amo ainda mais. Se silencio o que já está quieto, se já não sinto falta por limitação de meu desejo, o restante, meu anjo, poderá estar a teu serviço.

— Não é justo. Mesmo que o membro esteja condolente, buscando socorro médico, ele poderá melhorar.

— Assim você me constrange. A natureza é a mão visível de Deus e não carece de socorro. Ficarei contigo, amor.

— Duvido que tua Igreja vá concordar em voltar enquanto uma mulher estiver te cercando. A tua vocação parece ser uma mulher cheia de ciúmes.

— As ideias e os hábitos não se modificam até que sejam enfrentadas, meu anjo. Nem acredito muito que autorizem meu retorno, mas tenho, ao menos, o prazer de pelear.

— Faça isso, então. O que já recebi foi tanto que não posso retirar um palmo de tua felicidade. Não vou, entretanto, renunciar a tua ternura e de nos alimentar do mesmo pão. Teu discurso religioso não vai poder faltar em minha Igreja também.

— Amém!

Bernardete recebeu com alegria a ideia do pai. Sempre desconfiara de que algo faltava nos modos de seu pai. Telefonou: oi, meu velho querido, ainda bem que a decisão veio depois de eu ter nascido. Agradeço a vida recebida: o que ouço, vejo e todos meus sentidos parecem ter um sentimento maior. Se tudo isso é porque sou filha de padre, diga ao bispo que é muita pena que outros não deleguem a vida. Por ser tão boa, será porque carrego um sacramento a mais?

No encontro com o senhor bispo a conversa foi outra. Não que fosse por resistência episcopal, mas por todas as interrogações que pairavam sobre o medo arcaico da relação entre a santidade e a

sexualidade. A conversa se fez descontraída. O diálogo, cheio de tropeços.

O senhor bispo se pôs a brincar, de cara.

— Carissimus frater, já sei da pretensão em querer o que deixaste faz vinte cinco anos, meu velho Artêmio.

— Meu reverendíssimo bispo Anselmo, o mundo de Deus é maior que nossos desejos. Deus tem caminhos inacreditáveis.

— Deixemos de lado as reverências. Me explique melhor como estás entendendo agora a vontade de Deus pra tua vida?

— Não tenho muita clareza sobre a vontade Dele, mas a minha é assumir novamente o sacerdócio.

— Soube que se envolveu com a comunidade evangélica.

— É verdade e muito, mas não vi contradição nenhuma entre minhas atitudes e as da santa madre Igreja.

— E porque não teve tais atitudes em uma de nossas paróquias?

— Não aceitaram o mesmo envolvimento na celebração do pão e da palavra.

— O mais grave, padre Artêmio, é o casamento com Isabel.

— Ela aceitou de não haver mais intercuro em nossa intimidade.

— Quem é que vai garantir sobre tua castidade?

— Minha consciência!

— Não somos apenas seres de consciência, somos seres sociais. Você sabe o quanto a nossa instituição é intransigente com o celibato.

— É uma das razões de estar cada vez mais solitária. Não existe nenhuma razão teológica que iniba a relação entre o casamento e o sacerdócio.

— É da política de nossa instituição.

— É verdade, deixo, porém, meu pedido de retorno.

— Levarei ao conselho presbiteral a sua proposição. Me mande uma carta com as razões do teu pedido.

— Vou fazer isso, dom Anselmo!

O impossível caminho

Por muito pensar, concluí que minha vontade coincidia com a vontade de Deus. Afinal, cada vez menos me parece adequada essa resistência de Roma para com a presença feminina em seu interior. Enviei ao conselho dos presbíteros a minha intenção. Já se passam seis meses desde o encaminhamento de minha solicitação. Pela demora, estou enviando nova correspondência pra saber da posição do conselho.

Dois meses se passaram e recebo a notícia de que o pedido foi avaliado e, em razão de haver polêmica em torno da questão, um assessor jurídico pediu vistas ao processo. Nesse tempo de demora percebo que se afrouxam meus joelhos e rapidamente minha memória começa a sofrer reveses. Se antes dos oitenta a morte tem paciência, depois é muito mal educada. Entretanto não é tão severa a ponto de pretender meu acabamento em completa demência. Meu pensamento busca artifícios para meus diálogos se desenrolarem com fluidez, embora, às vezes, claudicante. Mas pela bondade de Maria, que se tenha um pouco de pressa.

Narro tais coisas como denúncia e para purificação de minha mãe eclesial. Desse jeito, morro sem saber de meu destino. Um filho velho não pode esperar tanto assim, Santo Deus!

Desde a última correspondência se passaram mais seis meses. Aceitaram, em princípio, minha decisão. Fiquei irradiante por ver minha diocese estar de espírito aberto, todavia somente poderei exercer o múnus se Roma concordar com a decisão. Se o parecer do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, ou outro setor, for favorável para o tratamento do caso, então poderei assumir o que é do meu interesse. Até lá deverei aguardar o que for decidido.

Parece que, pela minha fragilidade física e mental, vou morrer apenas como cristão. Me resta o silêncio, que é uma graça divina.

Não nego, porém, meu sofrimento, mas se torná-lo público, é certo, não terei o beneplácito romano. Resolvi não me atordoar mais. Estou comigo mesmo como um estoico, cheio de cuidados de mim. Não vou regatear com a natureza nem com Roma. Vou fazer de tudo para comemorar a vida com os evangélicos. Pela manhã de domingo disse meu discurso sobre a paz. Falei de meu pacto contra a violência e o esquecimento. Buscarei em meu jardim um consolo cheio de cores, entre os amigos, a fortuna da convivência e, no meu interior, a inspiração para não perder nenhum segundo sem atenção. Nada melhor a fazer na vida que um pacto contra a injustiça e não perder a oportunidade de praticá-la o que não é dar apenas o que é de cada um, mas é avaliar melhor o que falta. Muitas vezes o fato de dizer que estamos bem significa muito pouco porque pode ser que vivemos de migalhas. Depois dessas palavras, me calei, que minha respiração ofegava. Concluí que faz parte da sabedoria calar e deixar que cada um tenha a sua decisão.

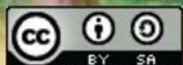
Isabel sabia que a espera era longa demais para a fragilidade de Artêmio. Deixou de lado qualquer outra preocupação, buscando ser a melhor cuidadora. Bernardete veio visitar o pai, que estava debilitado, queixando-se de falta de ar. Coragem eu tenho, brincava, a exemplo de Bento Gonçalves, o que me falta é ar, filha. O geriatra, humano e estudioso, avaliou o silêncio artêmico como desligamento voluntário. Os exames de sangue indicavam um declínio galopante da saúde. A serenidade quase alegre do doente mostrava o conhecimento do que lhe acontecia. Hora dessas falou: a viagem chega ao fim. Nada de novo em desembarcar... afinal, outros passageiros podem começar seu caminho. Veio o senhor bispo, que ficou por diversas horas de mãos dadas com o frustrado amigo. Apertando a mão de Artêmio, revelou seu encanto pela vida do amigo. Brincou soprando ao ouvido do santo: acho que a santa madre Igreja anda meio devagar. E surda, retrucou Artêmio, num sopro. Um sorriso maroto foi um bom sinal de vida. De tudo o que mais consolava era quando Isabel se reclinava sobre ele, aproximando a cabeça velha em seu peito e as mãos nas mãos um do outro.

Um ano depois um representante da Cúria diocesana trouxe a decisão da santa madre Igreja. Artêmio, entretanto, não pode mais ler.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Abrindo a cultura



9 788564 199771